

mentos, recebidos da divindade, não podiam ser-lhes revelados;... emfim trahiram vilmente a sua missão sublime em nome d'um interesse de classe.

Era uma fraude vil, uma politica abominosa, uma cubiça infrene de poder!

A ignorancia ajuntaram a superstição religiosa do povo. A tyrannia dos reis accresceu o despotismo sacerdotal!

Com estas armas era certa a victoria: a prepotencia da raça privilegiada estava firmada em bases inabalaveis.

E ella a depositaria da religião e da sciencia, arbitra dos reis, e oraculo dos povos; ella, que tão importantes serviços podia prestar ao desenvolvimento do espirito humano e ao aperfeiçoamento dos costumes, fez da sua sciencia e do seu prestigio — instrumentos egoistas para conseguir um fim liliputiano e torpe!

É que importava que no Egypto se considerassem as bibliothecas como *thesouros dos remedios da alma*; que se cultivasse lá o estudo da philosophia e das outras sciencias, então conhecidas, se tudo isso era prerogativa só da raça sacerdotal?

A liberdade é a vida dos povos; os grãos de liberdade medem-se pelos da instrucção; e sob o regime do privilegio desaparece a liberdade, estaciona o espirito publico, porque não ha a legitima educação do povo. E outro não é o motivo, por que entre os Egypcios a sciencia nunca foi verdadeiramente util, e sempre foram lentos os seus progressos. O monopolio enerva-lhes a acção, acanha-lhes o horizonte dos seus destinos.

No Egypto, portanto, a instrucção popular foi de todo descurada; e d'um povo só podemos esperar alguma cousa grande e duravel, quando se empenha verdadeiramente em curar-se da lepra da ignorancia.

F. DE MEDEIROS.

A UM ARTISTA PHILANTROPICO

(NUM BENEFICIO)

Eil-o sentado ao cepo do trabalho:
Não sabe o que é descanso nem encosto...
Como em noite serena desce o orvalho,
O suor assim lhe cáe do anciado rosto!

E não solta uma queixa. É um fio d'oiro
A gota do suor que a face banha:
É como, quando se abre algum thesoiro,
E dentro se lhe vê riqueza estranha.

O artista assim trabalha absorto e mudo,
Lidando na sua obra noite e dia.
« Meu Deos, murmura alfim, eis aqui tudo...
« Não tenho outra riqueza, outra alegria!

« Tres dias trabalhei, 'stou já cansado:
« Até a luz dos olhos se me esvai;
« Meus filhos, não choreis.» E neste estado
Que mais pode dizer um triste pai?

Mas tu lhe ouviste a dor, que o peito cala,
E lhe apanhaste a lagrima teimosa.
Assim percebe Deos a muda fala,
Que se occulta na prece silenciosa!

Á luz do teu amor a magoa foge,
Como o aroma, que deixa o branco lyrio.
Assim permitta Deos que a esmola de hoje
Um throno te alevanto lá no empyreo!

Moço e velho

Deixa-te estar a meu lado,
Não fujas, virgem travessa,...
Que mal te faz que em teus seios
Vá poisar minha cabeça?

Tem dó de mim; se soubesses
Porque eu trago o peito aberto,
Talvez de pena chorasses,
Não me fugiras por certo!

Attenta bem nos meus olhos,
Não vês um circulo escuro?
Foi de chorar toda a noite
Por um bem, que em vão procuro!

Quando veio a madrugada
Fui ver meus olhos ao espelho;
Tinha-me deitado moço,
Accordei, era já velho!

As minhas faces cavaram-se,
As rugas lavraram fundo;
Olha que tenho soffrido,
Como ninguem neste mundo!

Andava como um decrepito;
Se dava um passo, era a medo;
E a mim proprio perguntava
Porque envelheci tão cedo!

A causa de tudo isto
Nem ao certo eu bem sabia:
Queria andar, e ficava,
Queria ver, mas não via!

Que noite aquella! Tens medo?
Não fujas, virgem travessa;
Deixa poisar no teu collo
Minha languida cabeça!

Eu já fui moço; os meus olhos
Tambem já foram chrystaes,
Onde os teus se reflectiam,
Teus olhos celestiaes...

Agora ves tudo escuro
Nestes palacios da luz!
Por toda a parte ruinas,
Em mim uns ossos e a cruz!

Ai! minha cruz! Os calvarios
Avistei-os muito cedo!
Corri depressa, mataram-me...
Porque me fojes? Tens medo?

Tem antes dó! Nos teus seios
Descança minha cabeça....
Bem pode ser que dest'arte
Minha alma rejuveneça!

J. SIMÕES DIAS.

REVISTA

É meia noite. Os finados sahem agora do tumulo embrulhados no lençol mortuario, arrastando pesadas gramalheiras, para recordarem aos vivos alguma promessa não cumprida: a moirinha enfeitada vai sentar-se ao pé da fonte á espera de um salvador, que fique preso dos seus encantos; o lobishomem segue o seu fadario galgando montes e valles em corrida desenfreada; finalmente, as mulheres, bandeadas com o porco sujo, escoçam-se pelo buraco das fechaduras, enguiçam com travessuras damninhas os incautos, que não trazem ao pescoço a miraculosa figa d'azeviche, e vão á encruzilhada do pinhal revoltar numa dança vertiginosa, a que preside o espirito chavelhudo, gravemente assentado sobre um enorme gatarrão de pello negro.

Nesta hora tremenda de bruxedos e fantasmas, de malificios e encantamentos, o chronista, victima de terrivel insommia, vai contar aos seus leitores as impressões de um baile de mascaras.

Um baile de mascaras na lusa-Athenas, na poetica filha do Mondego... formas divinaes, que o *dominó* não pode esconder, olhos formosissimos, scintilla do sob as aberturas do setim, encontros mysteriosos, dizeres de amores, segredos murmurados em voz de anjo, a vertigem das walsas, a languida volupia das mazurkas, o entusiasmo guerreiro dos lanceiros, tudo isto animado pelo fino *espirito* da multidão... Engano!

Que baile! Ainda tenho os ouvidos atordoados com os clamores d'aquella diabolica orgia. Era um cahos de urros e patadas, um pandemium de gritaria e confusão. Figure o leitor um immenso telheiro, decorado com o pomposo nome de salão: dos vigamentos pendem uns bicos de gaz, que illuminam o recinto a *demi-jour*, no topo duas mesas de pinho e algumas cadeiras; aos lados.... as paredes nuas. Poucas mascaras, e essas mesmas

ridiculamente grotescas; a degradação do sexo amavel representada em meia duzia de exemplares; e cem ou duzentos rapazes, a quem a atroz sensaboria coimbrã força a aceitar aquelles *divertimentos*.

A charamella dá o signal para uma quadrilha: começam as danças. Apenas o par marcante executa a primeira figura, ouve-se clamar á *bicha*: um cordão de rapazes, impellindo-se uns aos outros, collêa por entre os pares, e a quadrilha illaqueada nas roscas d'aquella serpe endemoninhada é desfeita num abrir e fechar d'olhos. Ensaia-se uma polka: o ardor febril da maioria dos circumstantes não se coaduna com a cadencia da musica; corre-se, galopa-se num redemoinho, que semelha um turbilhão: apesar da amplitude da sala, os pares encontram-se em choque violento, e lá ficam de pernas ao ar estatellados no meio do soalho. Se algum individuo menos paciente, ou mais dorido se lembra de protestar contra aquella brutalidade, forma-se-lhe em volta um circulo de *capinhas*, e o desgraçado ainda por cima é passado á capa como um toiro.

Eis o que são os bailes de mascaras no café Castella; e o que foram pouco mais ou menos os que houve o anno passado no theatro de D. Luiz. Consta que ahi vão recommear em breve, inaugurados por aquella sociedade de *ratões*, de que ja fallei. Serão á porta fechada, e nas mesmas condições em que eram os espectaculos dramaticos. O chronista, apesar de não pertencer áquella nobre gremio, dará d'estes bailes a devida conta.

24 de janeiro EMYGDIO NAVARRO.

CARTAS DA BEIRA-MAR

POR

Augusto Philippe Simões

Um volume, — preço 700 reis.
Vende-se nos logares do costume.

Recebemos e agradecemos o exemplar que nos foi remittido. Fallaremos mais d'espaco logo que o tivermos lido.

A NOVA OUREM

POLKA-MAZURKA PARA PIANO

POR

Lowrenço Ayres de Mendonça

Recebemos e agradecemos os exemplares, que nos foram remittidos.

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes das provincias o favor de mandar satisfazer a importancia do primeiro trimestre de suas assignaturas por meio de estampilhas ou vales de correio.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

O MARQUEZ DE POMBAL

Sua sciencia, politica e systema de administração — ideas liberaes que o dominavam — plano e primeiras tentativas democraticas.

Continuado de pag. 27.

XXIII

Depois da resurreição nacional, que em 1640 succedeu á morte da independencia da patria, esmagada pelo peso oppressor de estranho jugo, devida não, como pretendem alguns, ás combinações grandiosas e á politica admiravel de Richelieu, mas á patriotica iniciativa e á dignidade heroica dos conspiradores populares, — a nação portugueza recobrou a sua autonomia, despedaçou as algemas de tão odiosa servidão politica, desprendeuse, por um soberano esforço de coragem, dos braços de ferro, em que durante longo e angustioso periodo a tinham apertado os despostas castelhanos, e levantou sobre o throno de Affonso Henriques, reis, senão filhos do povo, eleitos e proclamados por elle.

Portugal entrou de novo no dominio e posse de suas conquistas; e o soberano opulento do Oriente, o descobridor generoso de ignotas plagas e de estranhas gentes, ergueu-se do tumulo, que lhe tinham aberto o arrojado pueril d'uma creança avida de glorias vãs e a imbecilidade tropega d'um velho cardeal fanatizado.

Era todavia sombra magestosa d'um vulto heroico, surgindo entre as ruinas de sumptuoso edificio desmantelado!

Nem exercito, nem marinha, sem commercio, sem industria, exhaustos os cofres do estado, perdido o credito..... nominal a riqueza de suas maravilhosas descobertas, vazio o thesouro de suas conquistas!... Só com a aureola de passadas glorias; sem outro titulo perante as nações, alem da merecida gratidão, a que tinha direito pelos valiosos serviços prestados á humanidade e á religião, que o ligara ao céo e a Deos logo desde o berço!

Havia para elle a esperanza no futuro firmada na lembrança do passado, existiam amontoados sobre os mares e nas suas ricas possessões abandonadas os despojos da sua antiga grandeza; o seu nome escripto sobre toda a extensão do Oceano, brilhando nas

coroas de muitos monarchas, gravado no coração de muitas nações florescentes!

Foi por isso que todos acolheram com applauso o brado da sua independencia e lhe ajudaram a manter a liberdade, que desastrosamente havia perdido nas plagas longinquoas de Alcacer Quivir e sobre o leito d'um cardeal moribundo!

A coroa de ferro dos senhores de Hespanha precisava das perolas e dos diamantes de quatro mundos!....

Para cobrir a juba ensanguentada do leão de Castella eram necessarios os alvissimos arminhos do manto de nossos reis!....

A ambição insaciavel do hespanhol, não contente com as suas possessões, pretendia ainda com sofrega cubica usurpar as colonias portuguezas, que já se alongavam e estendiam de oriente ao occidente, do septentrião ao meio dia, sobre todos os continentes, á roda e no meio de todos os mares!....(*)

XXIV

Os herdeiros da casa de Bragança, os populares soberanos eleitos pelo povo, os primeiros representantes d'essa realeza legitima, nem comprehenderam a sua elevada missão, nem lhe importaram as necessidades do seu povo, não sabendo ou não querendo aproveitar-se do amor e da confiança que nelles haviam depositado os que, resgatando o reino, lhes cingiram o diadema e lhes lançaram sobre os hombros a purpura de duas dynastias!

(*) Hoje ainda nos invejam e disputam a liberdade, o nosso mais precioso thesouro... Hoje clamam pelo irmão portuguez para que lhe cure as chagas venenosas da tyrannia e lhe restitua a vida quasi exausta pelo despotismo com o elixir animador da liberdade!...

A liberdade!... A liberdade que os desventurados filhos da moderna Hespanha, os que se appellidam legitimos descendentes de arabes e godos, nunca sentiram nem conheceram, e que muitos traiçoeiramente fingem amar para mais facilmente a destruir!....

Querem a liberdade que para o portuguez é a vida, que o portuguez ama e respeita, de que o portuguez é apostolo e soldado inflexivel?....

Levantem-lhe um altar e adorem-na; façam-se missionarios e propaguem-na.

E se tanto for preciso, opponham aos depostas que os opprimem — o despotismo das revoluções.

Não clamem pelo *auxilio* d'aquelles que, não podendo dar-lhe essa liberdade, por que tanto suspiram, não querem, com uma *união* impossivel, perder a sua!....

Os livros sanctos fallam de um Caim e de um Abel. Terá a historia contemporanea, um dia, de personificar nelles dous povos que se dizem tambem irmãos?!

Não emprehenderam reformas; não traçaram plano algum de politica definida; não promoveram o desenvolvimento ou ao menos a restauração da industria, do commercio, da navegação — de todos quantos elementos constituem a vida laboriosa, o bem estar social, e a prosperidade d'uma nação livre, independente e opulenta de tudo o que pode tornal-a grande e respeitada; exaurindo o erario, sem activar as forças da riqueza publica e particular, sem abrir novos mananciaes de producção, sem que dotassem o paiz de melhoramentos de reconhecida utilidade..... sua unica preocupação, todo o seu empenho parecia limitar-se, com-prazer-se até, em augmentar e completar o despotismo, que estranhos para cá haviam importado e o gosto da epocha, o exemplo d'outras côrtes, muito favoreciam, engrandecendo ao mesmo tempo os jesuitas, dando força e apoio ao tribunal da inquisição; em manter um fausto ruinoso, em propagar o amor e a paixão por um luxo, mais do que inutil, prejudicial, e por vezes e em muitas cousas insolente; em consumir improduttivamente com vaidades reaes, em sumptuosas construcções, em dispendiosas obras d'arte, e, o que é peor, em beatificas e exaggeradas piedades mundanas, capitaes immensos, sommas fabulosas!

Portugal, arrancado pela mão do povo ao jugo de Castella, é em 1703 *hypothecado* aos inglezes, que o exploraram, como o possuidor de *má fé* explora a propriedade alhea. Roma especulou tambem; a nobreza e o clero completara este systema de legal e convencionada pilhagem!..

XXV

Foi nesta situação, aggravada por muitos males, que o sabio e corajoso ministro de D. José se propoz restaurar a patria, quebrar o jugo estranho, que lhe pezava odioso, extinguir aquella vexatoria exploração, que debaixo da apparencia de uma *benefica* tutela lhe ia aniquilando as forças physicas, ao mesmo tempo que *outros*, invocando a fé e o Evangelho, a Cruz e a redempção, abrindo masmorras e atijando fogueiras iam apagando a luz na alma e immobilizando o espirito do povo!!..

Restabelecer a actividade e ordem no seio da familia portugueza, dar-lhe a liberdade, fundar a felicidade domestica e a prosperidade publica.— Tal foi o seu elevado empenho.

É a intelligencia, a vontade, e o poder de um só homem, reanimando uma nação moribunda, prestes a esconder-se no cemiterio da historia, embora as gerações vinduras, prestando-lhe a devida homenagem, lhe houvessem de gravar sobre a campa o mais glorioso epitaphio; chamando á vida, ao trabalho, á liberdade e á independencia um povo escravo da nobreza e do clero, e o que é peor da ignorancia, do fanatismo, da indolencia e da mi-

seria; elevando e fazendo respeitar um rei *suzerano* da Corte de Roma e *vassallo* de Inglaterra!..

(Continua)

EMYGDIO GARCIA.

Duas pombas

I

Vai a sesta soltando amor e encantos
Como um beijo infantil a vez primeira;
Pela encosta revoam doces cantos,
Que sobem d'entre os olmos da ribeira.

Andam cantando as filhas do povoado
Por entre os cinceirae que rumorejam;
Mettem-se nagua, e o corpo delicado
Subtil se furta aos olhos, que o não vejam!

Macia viração branda deslisa
Na veia d'agua ciciando a medo,
Ellas sorriem presentindo a brisa,
Que vem furta-lhes beijos do arvoredo.

Miram seu collo, que invejado afago!
Quem se fora a espreitar d'entre a espessura!
Quaes brancos cysnes em sereno lago,
Taes se retratam na corrente pura!

Não é longo o prazer. O Sol mais brando
Começa a declinar lá da collina:
Rapida a sesta esvae-se, e o alegre bando
Deixa saudoso a lympha crystallina!

Lá perpassa em tropel por entre a rama
Do verdejante proximo arvoredo;
Ai! dias de prazer, sois como a chamma
Phosphorescente, que se apaga cedo!

Mas que fazem alem duas mulheres,
Sentadas juncto á limpida corrente?
São saudades da sesta e dos prazeres,
Que as fazem lá ficar tão tristemente?

« Vés tu (dizia uma)

Como a onda fluctua e alfim descança
No seu leito de espuma? »

« Assim o amor se espraia

(A outra diz) nas ondas da esperança,
Até que alfim desmaia. »

E uma a outra, unidas num abraço,
Pozeram-se a chorar; sua dor comprehendem:
Assim tambem ás vezes pelo espaço
Duas aves se beijam e se entendem!

II

Vai o Sol a cahir. Ao longe avulta
Triste mendigo, silencioso, absorto.
Traz nas rugas da face idea occulta,
Traz nas feições a pallidez do morto!

Seus olhos choram, seu silencio espanta,
Nas orbitas a luz já não tem brilho,
Eil-o que o rosto inclina, e aos ceus levanta
Num tremulo cantar doce estribilho.

«Sumiu-se a minha fonte
Nas bibulas areias do deserto,
Como aservas do monte.

«Meu caminhar incerto
Não me alcança no mundo um pingo d'agua
P'ra este seio aberto!

«Não tem verdura a fragua
Onde encoste meu seio, assim não tenho
Allivio para a magua!

«As vezes mal sustenho
A lagrima que desce irresistivel
Em porfiado empenho;

«E a dor incomprehensivel
Parece que se abranda... Oh! triste engano
Sonho do *impossivel!*»

E foi, quasi a cahir, sentar-se á beira
Da lucida corrente juncto d'ellas.
Seus olhos se espelharam na ribeira,
Como em lago de anil duas estrellas!

Era a attracção do abysmo em baixo aberto
A namorar-lhe os olhos de suicida...
Era mais que morrer vendo alli perto
Tão lindos anjos a chamal-o á vida!

«Pombas (lhes disse) vêde,
Vós que tendes um mar no coração
Fartai a minha sede!»

— O peito é um vulcão.
Pedir ao fogo a lagrima do sancto
É rogo sempre em vão;

Mendigo, no entretanto
Quando bebas d'essa agua da ribeira,
Ai! bebes nosso pranto!»

III

Conheceram-se então; buscando alento
O mendigo se ergueu, mas ficou mudo!
Como o cedro da encosta exposto ao vento,
Deixou passar por cima o norte agudo!

Conheceram-se alfim. As tristes bellas
Soluçaram seus hymnos de saudade.
Fallava só de amor o canto d'ellas,
O canto da sua alegre mocidade!

«Que lindo vai no céu com vôo igual
Brincando descuidoso
De pombas um cazal!

Que lindo! como em extasis de gozo
Se beijam num suspiro
D'amor delicioso!

As vezes quando em sonhos eu deliro
Na tepida bafagem
D'um ar que então respiro,

Parece estar-lhes vendo a linda imagem
Mirando-se nas cores
Da candida plumagem!

E quem ao ver reunidos taes primores
Não fora alli matar
A sede dos amores!»

«Fui eu, pombas do céu, que ao despertar
Do sonho em que eu andava
Matei quem me matava
Em vossos lindos seios de invejar!

Fui eu, que namorado de vos ver
Diante de meus olhos,
Me fui calcando abrolhos
Aos vossos pés morrer.

Fui eu que num excesso de demencia,
Quando os olhos erguieis para os céos,
Do vosso excelso throno de innocencia
Vos tombei no inferno, anjos de Deos!»

E ao fallar assim tomba de chofre
Na garganta do pego que os devora;
Assim sabe acabar quem tanto soffre,
E não encontra a luz da sua aurora!

IV

Porque choram alem essas mulheres
Sentadas juncto á limpida corrente?
Sobre as ruinas de infantis prazeres
Deixai correr seu pranto livremente!

J. SIMÕES DIAS.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia
entre nós

VIII

Vamos occupar-nos d'um nome illustre nos
annaes da philosophia patria, d'um vulto que
mereceu ser cognominado — Aristoteles Co-
nimbricense.

Pedro da Fonseca, natural da Cortiçada,
filho de Pedro da Fonseca e Helena Dias, en-
trou na Companhia de Jesus a 17 de março
de 1548, e falleceu a 4 de novembro de 1597.
Notavel por seu talento e saber entre seus
contemporaneos, deixou-nos preciosos docu-
mentos da sua não vulgar illustração. Os seus
oito livros de Dialectica — Institutionum Dia-

lecticarum libri VIII, e os seus quatro tomos dos commentarios á Metaphysica de Aristoteles são padões seguros da sua reputação e gloria.⁴

Não podendo haver á mão depois de baldado empenho, mais que o primeiro tomo dos Commentarios á Metaphysica Aristotelica só a elle nos podemos referir no estudo que vai seguir-se. Este volume foi editado em Roma e tem a data de 1572; é offerecido a D. Sebastião.

Encontra-se no primeiro tomo d'estes commentarios uma explanação aos quatro primeiros livros da metaphysica de Aristoteles. O primeiro d'estes livros contem duas partes: a primeira comprehende dois capitulos destinados a provar a utilidade da metaphysica; a segunda parte occupa-se particularmente de refutar a theoria dos philosophos ácerca das causas. No segundo livro cura-se de investigar o melhor meio de chegar ao conhecimento da verdade. O terceiro propõe e discute muitas questões que se resolvem nos outros livros. Finalmente, no quarto livro da metaphysica Aristotelica e no ultimo do primeiro tomo dos commentarios, se determina o sujeito d'esta sciencia, as suas condições, e os seus principios mais geraes.

O modo por que Pedro da Fonseca se houve neste trabalho é digno do todo o elogio. Alli são discutidas com imparcialidade e rigor as opiniões de todos os philosophos mais distinctos. As ideas de Pythagoras, Socrates, Zenão, Heraclito, Democrito, Empedocles, Platão, Hesiodo, Homero, Cicero, Durando, Scoto, S. Agostinho, e, para não fallar d'outros, as de S. Thomaz, são alli chamadas para maior clareza e perspicuidade das explanações. Elle proprio nos diz expressamente que não deixara de consultar nenhum philosopho, porque não jurava nas palavras de nenhum: « Cæterum, ut in nullius verba doctoris, cum de rebus philosophicis agitur, jurandum putavimus, ita nullius vel inferioris notæ philosophi sententiam rejecimus, quæ nobis cum vero maxime consentire videretur, agnoscentes plene veritatem, a quocumque dicatur, a prima veritate profectam esse.

A liberdade na investigação da verdade teve-a Pedro da Fonseca no maior gráu que do seu tempo e da sua situação podia esperar-se. Se nas discussões consome muitos esforços em defender Aristoteles, é necessario lembrarnos do que pedia o espirito da epocha. Já não é pequena garantia da sinceridade d'um escriptor a observancia da seguinte maxima; «Par esse ut quisque a veritate superari velit, a qua vel invitatus superandus sit.» É força confessarmos que nesta parte Pedro da Fonseca soube elevar-se á altura de philosopho.

Nisto cumprira elle o programma que desde

⁴ Foi este o primeiro Jesuita que ensinou o terceiro anno Philosophico e não Francisco da Fonseca como notamos ir escripto no numero antecedente. É a Pedro da Fonseca que alludiamos.

o começo se tinha imposto: « Denique in tractandis quæstionibus quas ipsa occasio lectionis obtulit (quod totum erat nostri juris) plane liberi fuimus; nec alios auctores tantum, sed ipsum quoque Aristotelem nonnunquam deseruimus, aut excusavimus, aut quoquo modo cum eo, quod verius nobis visum est, conciliavimus, ne aut doctrinæ fidei, in qua error nullus esse potest, aut rationi, communique hominum sensui adversaremur.» Nestas palavras declara Pedro da Fonseca o methodo que depois observara. O proprio Aristoteles, sem o qual não podia conceber se fizessem grandes progressos em philosophia, é por vezes abandonado. O *ipse dixit* não podia ser erroneamente acatado por uma intelligencia tão versada nos segredos da Metaphysica.

O commentario de Pedro da Fonseca é um verdadeiro monumento de sabedoria d'aquelles tempos. No methodo, sobretudo, soube elle libertar-se dos vicios em que tinham cahido os escolasticos gregos e latinos, methodificando os seus commentarios por tal arte, que facilmente se conseguirá descobrir a economia de toda a obra. Escrevendo na lingua latina, empregou um estylo agradável, claro e facil de interpretar-se. Estamos em dizer que entre todos os commentarios á Metaphysica de Aristoteles devem os de Pedro da Fonseca occupar um dos primeiros logares.

Como já expozemos as doutrinas de Aristoteles e S. Thomaz, é agora superfluo demorar-nos em ver como elle harmonisou com as theorias do Evangelho as opiniões de Aristoteles. Bastará dizer-se que Pedro da Fonseca seguiu na maior parte o pensamento d'aquelle celebre Doutor da Igreja.

Nestes commentarios não se limita o Aristoteles Conimbricense a explanar a Metaphysica: espalha, igualmente, quando se lhe offerece occasião propicia, muita luz sobre muitas e diversas questões; e, sendo esta uma das partes da Philosophia Aristotelica mais descuidada pelos antecessores de Pedro da Fonseca, não admira que, ao contemplarem os momentosos trabalhos d'este Philosopho, muitos escriptores o tenham considerado como fundador desta sciencia naquella epocha.

Não faltaremos ainda á verdade se acrescentarmos que o commentario de que nos occupamos, se pode considerar como o fructo mais primoroso do ultimo meado do seculo XIV e do primeiro do seculo XVI actuando sobre a Metaphysica do illustre rival de Platão. A doutrina de Pedro da Fonseca não é extrahida de commentarios alheios, é a doutrina de Aristoteles bebida no original grego, que se espelha com natural satisfação na copia exacta e fiel que d'elle faz o Philosopho Lusitano, e que vai acompanhando o texto grego face a face. O commentario de Pedro da Fonseca é, se o podemos dizer, o commentario authenticico da Philosophia de Aristoteles, apenas modificado pelas

crenças e pela erudição do illustre Commentador e sabio philologo.

Agora, para terminarmos, só nos falta transcrever um periodo do *Compendio Historico do estado actual da Universidade de Coimbra* etc., devido á junta de Providencia Litteraria nomeada em tempo de D. José. A citação fará ver que a paixão e as opiniões anticipadas não sabem respeitar as exigencias da Historia. Fallava-se de escriptores que juravam sobre palavras d'outrem sem critica e sem exame, e eis que uma nota nos depara o seguinte: « Para se verificar que os sobreditos Regulares foram os que mais transfiguraram a boa e sã Metaphysica, basta saber-se que os Escriptores que mais refinaram os vicios e as inepcias da Metaphysica foram os dois Jesuitas, Pedro da Fonseca nos quatro tomos dos seus commentarios aos livros de Metaphysica de Aristoteles, que imprimiu no anno de 1590, e Francisco Soares Granatense... »

É de presumir que, nos tres restantes tomos dos commentarios á Metaphysica de Aristoteles, Pedro da Fonseca seguisse plano igual ao indicado em relação ao primeiro tomo. A este respeito, porem, como ácerca dos seus trabalhos sobre Dialectica emittiremos o nosso juizo quando nos for possivel examinal-os.

J. J. LOPES PRAÇA.

A mocidade

Eu tinha um berço de rosas,
Que minha mãe embalava;
Lembram-me ainda as cantigas
Que ao pé do berço cantava:

« Quem me ouvir assim cantando
Cuidará que estou alegre;
Trago o coração mais negro,
Que a tinta com que se escreve. »

« Mas quem tem filhos pequenos
Por força lhe ha de cantar,
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! »

Ainda agora se escuto
Ás vezes esta cantiga,
Riem-se todos e eu choro
Não sei porque, doce amiga!

Lembram-me os dias felizes,
Os dias da mocidade,
As infantis innocencias
Da minha primeira idade.

Lembra-me a face vermelha
Que tinhas quando me déste
Um dia de manhã cedo
Aquelle beijo celeste!

Era o primeiro: coraste,
O beijo fez-te mais linda.
Depois fugiste; recordas-te?
Eu lembro-me tanto ainda!

Da fita do teu pescoço
Pendia a cruzinha d'oiro;
Colete branco velava
Das pomas o alvo thesouro.

Vê se te lembras... que tempos!
Nem tu sabes que saudades
Eu tenho quando medito
Nessas primeiras edades!

Tu só me vales; se ás vezes
Me vês triste e pensativo,
Tu que me doiras os ferros
Em que me vejo captivo!

Se te vejo, vejo a bocca
D'aquella que me beijava,
Se cantas, ouço as cantigas,
Que minha mãe me cantava.

Se me aconchegas ao seio,
Os seios d'ella senti;
Se me levas á tua cama,
Vejo o berço onde nasci.

Bemdicta sejas. No mundo
Vales-me tu na saudade,
Tu só me tornas aos dias
Felizes da mocidade.

J. SIMÕES DIAS.

OFFERTAS DE UM LOUCO

A M. C.

Quando cançada da vida
A morte peças a Deos;
E na terra sem guarida
A paz anheles dos céos;

Se eu inda viver, tu corre!
Vem juncto de mim poisar...
Saberás quem por ti morre,
Verás quem te sabe amar.

Dizem sou pobre?... embora;
Tenho thesouros sem fim
Escondidos até agora,
Guardados só para ti....

Lá nessas nuvens douradas,
Que tu vês á tarde alem,
Tenho torres encantadas
Só minhas, de mais ninguem.

Às vezes o sol cioso
Parece qu'rel-as queimar;
Como então é majestoso
O meu soberbo solar!

De nuvens todo formado,
Nuvens d'ouro e de marfim;
De topazios esmaltado,
As ameias de rubim;

Os tectos são de granadas....
Té ás vezes julgo eu,
Ao vel-as incendiadas,
Que são de fogo do céo!!.

Oh! vem, rainha das bellas!
Nos meus palacios reinar!..
Tiro do céo mil estrellas
P'ra c'rôa que te heide dar....

Viste a lua prateada
Como inda hontem brilhou?..
Roubei-a a noite passada,
No meu palacio ficou.

Faltava-me o lustre; agora
Nada mais me falta já...
Só minha alma triste chora,
Por te não ver inda lá....

Não julgues são devaneios;
Ao tingir do arrebol,
P'ra carro dos teus passeios
Irei roubar o do sol....

Tuas vestes de rainha
D'auroras todas serão;
Se tu vens, se tu és minha,
Tens por throno o coração.

MANUEL D'ASSUMPÇÃO.

Villa Real, 1866.

A FEBRE DO JOGO

(Continuado do n.º 8.)

II

—Tinha de ser! repete Lucio, encolhendo os hombros com enfado. Falsa desculpa, filha do despeito, que inutilmente disparas em abono d'um procedimento reprehensivel como para illudir a consciencia!

—Tenho por mim um argumento inabalavel. Vi.

—Muito bem! O testemunho de um sentido, frequentes vezes mentiroso, deve antepôr-se ao protesto de um provado amigo! Desculpa a allucinação. Todavia, se é certo que as cartas tomam nas minhas mãos a docilidade da cêra, estimaria que me explicasses porque casta de prodigio levam destrôado o meu patrimonio.

—Quem vio germinar jamais a maldita semente d'uma colheita illegitima?

—Ah! ah! Um frade sentencioso não ros-naria melhor qualquer maxima bafienta. Está

bem. Não discuto. Perdô-te o errado juizo pelo desvario em que te anda o espirito. Porém... mandando os arrazoados pingues de moralidade para as cellas da fradaria, vê no entretanto se descobres em mim alguma vantagem, que te levante acima d'essa lastima capaz de enternecer estadistas e usurarios.

Concebi uma idea radiante.

—Salvas-me, Lucio?!

—Salvar-te!

—Estou perdido.

—De perdição melodramatica?

—Fallo seriamente.

—Como!

—O dinheiro, esse dinheiro, que eu joguei, representava nada menos que a honra de meu pai. Era a egide protectora destinada a pol-o ao abrigo d'uma fallencia aviltante..

—Oh!

—Comprehendes? Renunciarei pois a outro estimulo que te chame em meu amparo. Eu fui rude, muito rude e muito insolente contigo, Lucio; mas tu perdoas aos labios o aleive com que profanaram o coração... Perdoas, e não te recusarás a tirar-me, com um nada de sacrificio, d'este leito de ortigas que me preparei..

Leito de ortigas! Porque não? Quem n'esta era elegante, de modas encantadoras, de finos atavios, de primores sem conta consentiria n'uma camara, já não digo senão modesta, o tosco leito de um barbaro, o leito de Procusto, sem colchão de pennas e cheio da pelle de bestas ferozes apodrecida pelos seculos? Um leito de ortigas ao menos, se lhe falta o sainete das antigas historias, sobra-lhe frescura; recende novidade; desfar-se-hia sem custo em viçosas coroas, que não iriam mal em frente de donzellas; não é em fim como um prato que da mesa de patricios descambou em plebeas mesas.

Por tanto, aqui sanciono a frase, e defendel-a-hei com a afouteza, com que se defende o motivo d'uma gloriosa reputação.

Isto não lho disse a elle, que seria agua entornada no pathetico do discurso; mas digo-o agora, entre amigos, em guiza de parenthesis, e com donaires de quem sabe o que diz.

—Não vás esquecer que estou pobre, devolveu Lucio sem desconfiar do parenthesis; pobre, arruinado, perseguido de credores... Recordo-t'o a fim de que me não julgues resabiado de má vontade. Comtudo não me esquivarei ao que fôr compativel com os meus amesquinhadros recursos. Vejamos: é grande a somma?...

—Enorme.

—Diabo!

—Enorme, mas limitada em relação ao muito que acabas de ganhar. Dá-me o dinheiro, dá-m'o; e, se me exigires como penhor a propria liberdade, não acharei que exiges muito. Aniquilarei a divida em estreito prazo. Vencerei esta inercia, direi adeus aos praze-

res da ociosidade, trabalharei: ao lado de meu pai commerciante; no meu escritorio advogado. E tu sabes se me faltam cabedades, que façam jus a uma rendosa clientela! Lucio, olha para mim, e recusa-me o que te estou a pedir!

— Basta. Que quantia necessitas?

Disse-lh'o. Elle medio-me dos pés á cabeça com manifesto assombro. Volvidos momentos exclama, assumindo ares de comica gravidade:

— E não tens escrúpulos tu, que conheces a mais falsa posição, não tens escrúpulos de me exigir um similhante desprezo de mim e das minhas coisas? Quererias abrir azo a que o simples beneplacito de um meirinho, emissario detestavel de más novas, fosse sufficiente para introduzir a sua alta dignidade por minha casa dentro no farejo d'uma gorda penhora?

— Tens razão; murmuro eu desalentado como ferido na ultima esperanza.

E, cobrindo o chapéo, dirigi-me bruscamente para a escada. Lucio correu em meu seguimento.

— Marianno!

— Adeus! Assusta-me o lamentoso caso que figuraste. Não quero em almoeda as tuas alfaias ricas.

— Escuta, criança... Sou teu amigo, e pesa-me que vás assim com o semblante retalhado de más presagios.

— Presagios que não se amolecem na agoa chilra da tua impertinente rhetorica, devolvi com reprehensivel rudeza.

— Quem sabe? Experimentemos...

— Não me opponho.

— Tenho um amigo...

— Sem rodeios.

— Tenho um amigo, que no breve decurso de alguns mezes me confiou sommas extraordinarias sem outro titulo de segurança alem da minha palavra, que para a sua boa fé é garantia mais que sufficiente. Ha pouco, porém, me prevenio elle de certa crise pecuniar, que vae atravessando, e fez-me sentir com exquisita delicadeza, bem segnicativa com-tudo...

— Entendo.

— Ora avalia se seria religioso o dever que me impuz de ser pontual no pagamento. Privar-me-hia antes de tudo, sem exclusão das vestes que aqui me vês, do que quebrantaria a promessa, que tacitamente lhe fiz.

— Em conclusão?

— Irei fallar ao homem; contar-lhe-hei a tua historia e, se o resolver, como cuido, a uma espera resoavel, é teu o...

— O dinheiro?!

— Sim.

Lancei-me alvoraçado nos braços de Lucio. Abracei-o similhando o aspide que se insinua brando no seio compassivo, que o aviventa, para n'elle depositar a venenosa semente.

Era um abraço de Judas.

(Continua)

A. DO CARVALHAL.

SONETO

Se quero o teu amor, linda pequena!
Pois hei de não amar minha ventura!
Mal quer o caminheiro á fonte pura
Que as ardencias da alma lhe serena?

Adoro os teus anhelos; só me pena
Que a belleza ideal, que em ti fulgura
D'essa ardente paixão toda a ternura
Não guarde nos teus seios d'assucena.

Não descubras teus sonhos de innocente,
E, tendo d'este affecto as mil caricias,
Que se aspiram no céo eternamente,

Nunca ao mundo reveles taes delicias;
Pois quero idolatrar occultamente
D'esse amor as angelicas primicias.

JULIO DE MACEDO.

Tavira, 10 de Janeiro de 1867.

REVISTA

Quando as brumas afoguedas da canicula desapparecem do horisonte, e as arvores começam a despir a sua folhagem, já amarellecida pelos primeiros ventos do outomno, o leitor pretextando a si mesmo não sei quantas molestias, que por felicidade nunca o atormentaram, despede-se dos seus penates e vai ás margens do oceano buscar distracções e enlevos, que os ardores do estio lhe não permitiram gozar.

Os dias correm-lhe ligeiros em passeios pelo areal, em cavalgadas á ermida da praia, ou em animadas palestras com as damas nas salas do club: d'estas principaes phases do viver de banhista a sciencia é repellida por inteiro como coisa horrivelmente pesada e in-supportavelmente massuda.

A vida dos banhos não é por certo a mais azada para locubrações scientificas; e todavia que excellente campo de observações de todo o genero não offerece a immensa amplidão do mar! A vastidão das ondas a perder-se onde a vista não alcança; a suave harmonia, que d'ellas ressaltava quando vêm languidas e amorosas enfeitar a praia com o alvissimo arminho da sua espuma; o horrido concerto dos vagalhões em furia, arremessando contra os rochedos a sua impotencia de leões enjaulados; as mysteriosas correspondencias entre as aguas e os astros, e as nuvens, e os ventos, e a electricidade: lá no fundo do abysmo prados verdejantes, palacios de coral, encrustados de preciosissimas perolas, cavernas medonhas, onde se escondem monstros horrendos, que a imaginação desprevenida nem ousa sonhar, e mil e mil maravilhas, que nos dão uma vaga traducção da idea do infinito, e nos radicam no espirito a consciencia da nossa pequenez atomica.

As Cartas da Beira-mar do sr. Augusto Philippe Simões contêm a analyse dos mais notaveis phenomenos, que se dão no oceano, e a descripção de algumas das mais curiosas espécies, que nelle habitam. O amor da sciencia venceu o desleixo do banhista; das praias da Figueira nos vieram as interessantissimas cartas, que primeiro viram a luz publica na *Folha do Sul*, e que hoje se encontram reunidas com algumas outras, suas congeneres, num primoroso livro sahido ha pouco dos prelos da imprensa da universidade.

Um dos problemas, que o seculo actual tem de resolver em materia de instrucção publica é fazer de modo que ella possa ser acceita por todos os paladares. A sciencia, com a sua aridez de formulas, com a sua severidade de estylo, com a sua barbaridade de technologia tem o seu dominio limitado pela esphera d'aquelles, que por qualquer circumstancia são forçados a cultural-a. O folhetim, a primeira das banalidades em litteratura, é recebido com agrado em toda a parte pelos seus ares despretenciosos: faça-se o mesmo na sciencia; administre-se em taça doirada, perfumada de essencias, circumdada de flores: ninguem repelle o util só porque é util, mas sim porque nem sempre é agradável; conciliem-se estas duas condições, e ter-se-ha realisado um progresso valiosissimo. Esta conciliação é mais facil ainda nas sciencias physicas do que nas moraes: os phenomenos da natureza estão pela maior parte ao alcance de todas as intelligencias, e a attenção prende-se-lhes facilmente pelo interesse que suscitam.

Escreva-se em linguagem amena, e ficarão assim ao alcance de todos.

O livro do sr. A. Phil. Simões recommenda-se ainda por este titulo. As suas cartas são verdadeiros folhetins scientificos; discorrem agradávelmente sobre assumptos tambem agradaveis, e só nellas apparecem alguns palavrões de arripiar os nervos aos profanos quando é absolutamente impossivel fugir-lhes; é um tributo fatalmente exigido pela sciencia. Este systema tem um inconveniente, que por amor da verdade não posso deixar desaperebido: a explicação dos phenomenos nem sempre pode ser acompanhada das respectivas demonstrações; o leitor acceita muitas vezes pela simples auctoridade de quem escreve. Assim é: mas o nosso povo é eminentemente catholico, e nem por isso pullulam em Portugal os Agostinhos e Bossuets: é tambem constitucional, e nem todos estão em estado de comprehender e analysar os principios de Montesquieu e Rousseau. A fé não tem logar só para a religião; deixemos aos especialistas o cuidado de discutir os principios e averiguar os phenomenos, e limitemos-nos a aceitar-lhes as conclusões. O que devemos exigir-lhes é que nos falem de modo que os entendamos: nada mais; a omnisciencia não é attributo da humanidade.

Com relação á exactidão scientifica do livro nada direi; declaro-me leigo na materia. Os competentes que a avaliem.

— No domingo passado tomou capello na faculdade de Direito o sr. Luiz Leite Pereira Jardim. Esta cerimonia é uma das mais imponentes e majestosas, que têm logar na Universidade: como esta revista vai já um pouco alongada, reservo a descripção d'aquella solemnidade para o proximo doutoramento do sr. J. Valle.

O joven doutor é um moço sympathico, e de ideas altamente progressistas. Decididamente as fileiras dos filhos do seculo tambem engrossam na ordem dos sacerdotes de Minerva. Sirva isto para attenuar a penosa impressão, que um facto ainda recente deixou no animo de muitos.

O sr. Luiz Jardim teve occasião de conhecer o muito, que é estimado pelos seus amigos. D'entre as felicitações, porem, que lhe foram dirigidas, uma sobre todas, o devia commover: foi a dos artistas: — dos artistas, dos nobres filhos do povo, no meio dos quaes tanta vez fez ouvir a sua palavra eloquente. O povo não é ingrato.

Apesar de não ter a honra de conhecer pessoalmente o sr. Luiz Jardim, tomo a liberdade de dirigir-lhe d'aqui os meus cumprimentos, felicitando-o pelo triumpho, por que a Universidade acaba de o laurear.

— Vão começar brevemente no club academico sarau litterarios, como em outros annos se tem feito; tambem em breve teremos corridas de toiros. Em occasião opportuna darei a devida conta aos meus estimaveis leitores.

1 de fevereiro EMYGDIO NAVARRO.

EXPEDIENTE

A todos os nossos assignantes em divida enviamos o recibo de suas assignaturas. Esta prova de confiança e delicadeza da nossa parte foi por quem erradamente interpretada, e em consequencia d'isso temos recebido algumas cartas a manifestarem-nos o resentimento de seus autores.

Explicamos o facto e sinceramente cremos que elle não dá motivo a queixas. Sirva isto de resposta aos queixosos.

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

Assigna-se em Coimbra, rua da Mathematica. n.º 44, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

PREÇOS

Coimbra (por trimestre)... 600 réis

Provincias (por trimestre).. 650

Os srs. assignantes, a quem não tenha sido distribuido algum dos numeros publicados, queiram fazer a competente reclamação, que promptamente será attendida.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

O MARQUEZ DE POMBAL

Sua sciencia, politica e systema de administração — ideas liberaes que o dominavam — plano e primeiras tentativas democraticas.

Conclusão de pag. 66.

XXVI

Luta infatigavel de tantos annos, se não de todo infructifera, porque a semente, que ficara escondida na terra, veio mais tarde, a germinar com o calor das revoluções, foi todavia mallograda pelas intrigas dos nobres e do clero, pelas ambições da Inglaterra e da Hespanha; aquelles, ainda curvados sobre o catafalco de D. José juravam o exterminio do homem, que consideravam seu implacavel e invencivel inimigo; estas insinuando ás occultas a queda do independente ministro promettiam apoio seguro aos que emprehendessem derribal-o.

Á morte do rei succedeu a queda do ministro e por ultimo a condemnação e o exilio do varão prestante e benemerito, calumniado, perseguido e processado por ter amado o rei e a patria, o povo e a liberdade!....

XXVII

Poucos annos depois da sua morte, consequencia immediata da condemnação, que o obrigara a encerrar-se em logar obscuro, e afastado da córte, onde ostentara sciencia e poder, força de vontade e energia, regulando sabiamente os destinos da nação, que por sua direcção immediata e nas suas proprias mãos, se havia reanimado e engrandecido, realisavam-se em França as prophcias da revolução, com todos os horrores da guerra civil.

A cabeça innocente de Luiz XVI rolava nos degraus do cadafalso, que lhe levantaram os despotas da *liberdade!* A guilhotina fazia victimas ás mil, tragava, devorava, em nome da *deusa da razão* como a fogueira inquisitorial em nome da religião sancta! O punhal revolucionario impellido pelo braço homicida dos revoltosos alastrava as ruas e as praças de cadaveres com a mesma furia com que em outras eras immolara os *albigenses* e os sectarios da religião *reformada*.

Foi seu intuito, objecto de seus infatigaveis esforços obter o mesmo resultado, por meios brandos e pacificos; conquistar as me-

smas ideas, fazer dominar os mesmos principios, firmar o poder dos reis na soberania de todos dar a liberdade ao povo por meio d'uma constituição representativa, semelhante á que vigorava em Inglaterra, embora para o conseguir fosse necessario usar de tyrannia contra alguns nobres, decretar o exterminio d'uma congregação mais politica do que religiosa, odiada já em toda a Europa e em muitas regiões da America, condemnada pelas universidades seculares, mal vista dos povos e d'uma parte consideravel do clero, e até repudiada pela propria Igreja.

XXVIII

Era forçoso em tão arriscado e perigosissimo lance, em circumstancias tão anormaes, oppor á tyrannia de alguns a tyrannia de um só, ao despotismo de muitos o despotismo em nome do rei; de outra sorte não conseguiria desarmar as ciladas, desfazer as intrigas, cortar os tramas, frustrar manejos, surprehender conspirações, que a nobreza e o jezuitismo por toda a parte estendia e machinava ao rei, ao seu ministro e ao povo, que ligando-se por um pacto inviolavel não tardariam a destruir-lhes a insolente *preponderancia*, extinguir-lhes os *privilegios*, a supprimir-lhes as *regalias*, a levantar-lhes os *foros*, a picar-lhes os *brazões*, em uma palavra a dobrar-lhes as *orgulhosas serviz* sob o jugo inflexivel da egualdade perante a lei.

Se o marquez de Pombal não fosse victima de falsas accusações e vis intrigas, se se conservasse mais algum tempo á testa dos negocios publicos investido do supremo governo da nação, se houvesse gozado juncto do throno de D. Maria da mesma confiança, apoio e favor que soubera alcançar perante D. José, a *constituição* teria apparecido primeiro em Portugal do que na França, na Hespanha e em outros paizes, e o systema *representativo*, seria proclamado entre nós, pelo menos ao mesmo tempo.

É esta uma verdade que immediatamente deriva dos factos, e que difficilmente poderá escurecer-se.

O despotismo, a tyrannia de que se argue Pombal era calculada e imposta pelas necessidades, como o unico meio de chegar á liberdade.

Os desígnios do grande estadista e as suas vistas eram patrioticas; o seu desideratum a

emancipação politica, religiosa, moral e economica do povo, que elle conhecia grande, oppulento e soberano na historia, pequeno, pobre e escravo no presente: o mobil que o determinava era sem duvida o santo amor da liberdade.

Sebastião de Carvalho mostrava em muitos dos seus actos ser no interior da sua alma, no intimo de sua consciencia, pela razão e pelo sentimento, um dos maiores e mais entusiasticos liberaes do seculo XVIII.

Se não pôde ver executado o seu plano, se não pôde levar ao cabo tão gloriosa empresa, arremessando para longe a mascara do despotismo, foi porque o não deixaram; foi ainda a reacção, que lh'o impedio, a injustiça que lh'o estorvou.

Despojado do poder, privado da acção governativa, condemnado ao ostracismo politico, exilado para longe da côrte, afastado dos negocios publicos, vio mallograda a sua obra; não lhe embaciaram porem a gloria, não lhe picaram os braços, e o que é de maior valia não lhe extinguiram a gratidão no coração dos povos; e se ao tumulo baixam esperanças, devia acompanhal-o a lembrança de que um dia as suas ideas haviam de ser realisadas, os seus principios triumphar e o plano que lhe absorvera a existencia inteira pôsto em plena execução, o seu nome exaltado, a sua reputação glorificada e os seus inimigos, os inimigos do povo e da liberdade, confundidos.

Se ao marquez de Pombal não permittiu Deos continuar a obra do constitucionalismo, cabe-lhe todavia a bem-merecida gloria de preparar o paiz e os povos para a proclamação trinta annos depois da sua morte.

XXIX

Á transformação, que Portugal experimentou pela acção previdente e reformadora do grande ministro, aos elementos de força e prosperidade, que não só indicou, mas com que legalmente dotou a patria, ás instituições politicas e economicas, e aos germens de educação popular, que semeou devemos em grande parte os beneficios, que com razão se attribuem á revolução liberal.

Sem o genio fecundo, sem intelligencia vasta e a dedicação inexcedivel de Sebastião de Carvalho, Portugal seria conquista partilhada entre a França e a Hespanha, ou nação livre e independente?

No estado de desorganisação politica, de desordem moral e economica, de miseria e degradação, a que Portugal tinha chegado antes da sua administração, seria possivel o triumpho glorioso do partido liberal em 1820?

Creemos firmemente que não; assim nol-o dizem a razão, a consciencia, a historia e a philosophia dos factos.

É por isso que entre as causas remotas

mas essencialmente determinativas da transformação liberal, que depois se operou, devemos considerar como uma das mais importantes e efficazes o governo forte e energico, a administração sabia e illustrada, a politica severa e por vezes intolerante do marquez de Pombal.

Abone a historia imparcial a verdade que o paradoxo esconde.

Que importa a expulsão dos jesuitas?

Era uma necessidade para o estabelecimento da liberdade politica e da tolerancia religiosa; que o marquez de Pombal amava, queria fundar, e que elles detestavam.

Que importa que do alto do cadafalso rolassem as cabeças de alguns nobres, que ociosos e embriagados no mais escandaloso luxo, conspiravam contra o rei, odiavam as reformas do ministro, queriam privilegios e prerogativas injustificaveis, opprimiam e vexavam o povo nada fazendo em beneficio da patria; e de mãos dadas com os inquisidores, discipulos de Loyola, dedicados familiares do *sancto officio*, procuravam a morte do rei, a quéda do ministro e a ruina da nação?

XXX

O marquez de Pombal obstou por uma sabia politica ao despotismo do rei, á oligarchia dos nobres, á theocracia dos jesuitas, á miseria e á degradação do povo.

Foi, como se exprimem alguns, odiado dos nobres pelo seu nascimento e pelo seu liberalismo; dos inquisidores pela sua tolerancia e moderada piedade; dos jesuitas pelo seu saber e perseverança; da populaça por sua severidade; dos inglezes pelos obstaculos que lhes oppoz, e com que abateu a sua omnipotencia commercial e politica.

Os inimigos implacaveis do ministro só com a morte do rei poderam derribal-o, mas não perdel'o. Affastaram-n'o dos negocios publicos, mas nos dias do seu poder nem lhe torceram o animo nem lhe afrouxaram os esforços, que continuamente empregou para o engrandecimento e regeneração da sua patria.

Interrogae a politica, a moral, as finanças, a agricultura, o commercio, a industria, as artes, a navegação, a milicia, a instrucção publica, e até a propria religião, numa palavra, consultae as instituições e os costumes, e por toda a parte encontrareis ainda hoje a sua acção benefica e reformadora.

A guerra implacavel, que então lhe fizeram os retrogrados e os absolutistas, os nobres e os jesuitas, a inquisição a Hespanha e até a propria Inglaterra, é a mesma que a reacção machina e promove ainda hoje, e tem permovido sempre contra os liberaes...

Se o marquez de Pombal foi despota, se empregou o terror e a tyrannia, não lhe viham d'alma taes excessos, nem lh'os inspirava

o seu genio altivo e severo, mas liberal e bem-fazejo; provocava-lh'os a reacção dos nobres e dos fanaticos, exigiam-lh'os as necessidades da patria e os velhos e inveterados prejuizos do seculo.

Não foi para exaltar o despotismo, nem para lisongear o monarcha, que, por amor do povo e para bem da nação, parecia adorar a realleza.

Não foi para satisfazer vaidosas ambições de quem nunca mostrara tel'as, que a memoria do augusto principe se gravou no bronze da estatua equestre, nem o monumento levantado para impor ao povo a idolatria monarchica.¹

EMYGDIO GARCIA.

O ancão

(NO DIA PRIMEIRO DE DEZEMBRO)

1

Não vêdes sobre a rocha o pobre velho
Sósinho contemplando a sua espada?
Tres vezes a beijou: sobre o joelho
Pende-lhe a face languida, mirrada!

Por entre as cans senis os dedos pãssa,
E absorto continua a meditar.
Mas que idea na mente lhe esvoaça
Ao ver ao longe a aurora a despontar!

Ergue-se em pé saudando o novo dia,
Pelas faces lhe cae saudoso pranto;
De jubilo seu rosto se enebria,
E aos ventos solta assim dorido canto!

2

« Como é grande o momento do combate!
Foi assim que meu pai te disse outr'ora.
Como é linda esta aurora do resgate!
É assim que o seu filho diz agora!

« Esta espada, que entrou em cem batalhas,
Que lembranças me traz de meu bom pae!
Com ella não temeu rei, nem metralhas,
Pelas balas passou sem dar um ai!

« Foi neste dia... Lá morreu involto
Nas armas inimigas, la ficou.
De que vale um suspiro, ao vento solto,
Se dos ferros a patria libertou?

« Desperta, ó minha terra, ao vir da aurora
Desse rola as bandeiras triumphaes:
Entrança os verdes louros, muito embora
Lá ficassem no campo nossos pais.

¹ Muito alem poderíamos avançar nesta apreciação historica, fragmento d'um livro inedito em que o assumpto occorreu incidentalmente; julgámos bastante este simples esboço critico.

« Renasça nos teus filhos a alegria,
Recorda-lhes depois teus altos feitos!
Oh! se para vergonha houvessem peitos
Que a ti se não rendessem neste dia!

3

« Não pode ser: o doloroso grito
Da nossa antiga liberdade escrava
Dilacera, qual fogo d'uma lava,
O peito do proscripto!

« E nós fomos proscriptos por traição
Das nossas regalias e poder;
Caimos pouco a pouco sem saber
Nos ferros da prisão!

« Quizemos ver a luz do sol querido,
A luz da liberdade em que nascemos;
Em balde... era já tarde; não podemos
Vingar o bem perdido!

4

« Sessenta annos de lagrimas regámos
Este solo que o sangue baptisou:
Nossa voz no deserto em vão clamou,
Pela espada de Affonso em vão clamámos.

« Era a vaga na lide irrequieta,
Que reflue e se parte e não se extingue;
Era a ancia do martyr que se inquieta
Por ver que não encontra quem o vingue!

« E o tigre tripudiando estende a vista
Ufano vendo aos pés povo de bravos;
Do thorono põe-se a rir... não se contrista
Vendo chorar assim os seus escravos!

« O coração exausto mal goteja,
Cada peito se sente quasi exangue!
Farte-se muito embora, ao menos veja
Na purpura real nodoas de sangue!

5

« Soltámos nossos pulsos roxeados
Para brandir a espada marcial;
Votámos nossa vida a Portugal,
Com elle nossos pais foram vingados!

« Foi o sangue dos filhos o resgate
Da patria que nos deu a cara vida;
Bem cara nos ficou, mas em remate
A furia castelhana foi vencida!

6

« Triumpho aos Portuguezes, gloria, gloria;
Neste dia solemne e memoravel!
Festejemos o dia da victoria,
A palavra do amor sancto, ineffavel!

«Retumbe nossa voz em som dobrado
Como os echos longiquos do trovão;
Muito embora me estale o coração,
Hei de á patria votar mais este brado :

«Patria dos Albuquerque, patria minha,
Depois de seres escrava eis-te rainha !»

7

A voz lhe fica preza na garganta,
Sente ao longe os festejos na cidade;
Quer ir, mas já não pode, e em magua tanta
Lembra-se de seu pai, sente saudade !

E as lagrimas teimosas lhe cahiram
Na espada, seu amor, amor primeiro;
E os echos inda ao longe repetiram
Os ultimos suspiros do guerreiro !

J. SIMÕES DIAS.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia
entre nós

IX

O P. Manuel de Goes, natural da Villa de Portel, entrou na sociedade de Jesus a 30 de agosto de 1560, tendo ja 18 annos de idade e falleceu no collegio de Coimbra a 13 de fevereiro de 1593.

Foi Manuel de Goes um dos homens que mais concorreu para a muita celebridade do collegio conimbricense. Escreveu numerosos commentarios, e todos de modo a grangear a estima dos sabios.

Os seus livros com o nome de commentarios do collegio conimbricense não traziam o nome d'aquelle que os redigiu. Estes livros foram os seguintes: Commentarios do collegio Conimbricense aos oito livros de Physica de Aristoteles; aos quatro ácerca do Céu; aos tres a respeito da alma; e finalmente os commentarios aos livros de geração e corrupção. Alem d'isto escreveu tres commentarios: um sobre os dois livros dos meteoros do mesmo Philosopho; outro sobre os livros denominados: — *Parva naturalia*; e, por fim, um terceiro sobre os livros d'ethica de Aristoteles a Nicomacho.

Nos oito livros de Physica se encontram dispostas as materias pela ordem seguinte: no primeiro trata-se dos tres principios das cousas physicas, a materia, a forma, e a privação; no segundo estudam-se a natureza e as causas das cousas naturaes; no terceiro dão-se explicações sobre o movimento e sobre o infinito; no quarto falla-se do espaço, vazio e tempo: no quinto fazem-se investigações ácerca das especies, unidade e contrariedade

dos movimentos; no sexto divide-se o movimento e se estudam as suas diversas partes; no setimo e oitavo, finalmente, dirigem-se as atenções do Philosopho para o primeiro motor e seus attributos.

Conhece-se, á primeira vista, até pelo simples esboço das materias comprehendidas nesta importante obra de Aristoteles, a grande importancia em que elle tinha a doutrina sobre o movimento. Nos livros segundo, quinto e sexto, sobre tudo, se occupa com todo o cuidado de apresentar as suas ideas sobre este ponto tão importante de toda a razão antiga.

Para elle os elementos constitutivos do movimento são a potencia e o acto, não a potencia e o acto em absoluto, separadamente, considerados como elementos isolados, um sem relação ao outro; mas a potencia realisando-se pelo acto, o acto dando forma á realisação da potencia. O movimento é, para assim dizermos, o laço existente entre a potencia e o acto, que prende estes elementos constitutivos; é o meio termo que faz manifestar a potencia no acto, e dá uma evolução indefinida a este. A natureza é para Aristoteles o complexo de coisas que se movem. O movimento da natureza é eterno, a sua fonte é Deos. E d'este modo passamos insensivelmente ás doutrinas da *Metaphysica*. Mas, antes d'isso, convem fazer uma breve menção dos quatro livros de Aristoteles sobre o céo.

A edição dos commentarios do collegio conimbricense aos quatro livros do céo, que temos presente, é de 1593. No primeiro dos quatro livros mostra-se que deve admittir-se um quinto corpo, diverso dos conhecidos, dotado de uma excellente natureza, que, junctamente com os outros quatro elementos, constitue este universo visivel, e excede todos os corpos simples em dignidade e excellencia de natureza; e se explicam, ao mesmo tempo, alguns attributos do universo. No segundo tracta-se do céo em especial. No terceiro e quarto estudam-se os quatro elementos da natureza.

A Eschola Aristotelica e as que se lhe succederam até ao renascimento das letras passam hoje entregues ao esquecimento como inúteis, absurdas e estereis. Sobre tudo em sciencias naturaes o esquecimento é quasi completo. Não pensamos do mesmo modo.

É certo que os meios de observação de que Aristoteles dispunha eram poucos, e os instrumentos de analyse, que existiam, desajudados da arte. No entanto não se pode dizer que elle descurava a observação. As suas proprias palavras protestam contra tal asserção. «As escholas que lhe succederam foram mais descuidadas. Mil circumstancias concorreram para isso. Quando melhores dias raiaram para a sciencia olvidou-se o passado. Ingratidão injusta e nociva. Como diz Frederico Morin: «A theoria esboçada por Aristoteles parte de dados mal analysados, é completamente in-

exacta, e até deve *a priori* parecer absurda; mas liga-se ao que ha de mais intimo e mais constitutivo na razão antiga; mas é na essencia identica á grande theoria da materia e da forma, na qual o pensamento humano viveu durante toda a antiguidade e durante toda a meia idade. Quem não comprehende a theoria peripatetica do movimento nada pode comprehender do processo especial, segundo o qual a humanidade concebeu, durante 20 seculos, os seres finitos e o ser absoluto. Por conseguinte as leis do desenvolvimento da razão humana ficarão para elle um mysterio impenetravel.»

E antes de acabarmos de expor o nosso pensamento a respeito da Physica de Aristoteles, daremos uma idea succinta de tres opusculos de Manuel Goes, que andam juntos com os commentarios aos quatro livros do céo. O primeiro é consagrado a expor, resumidamente, as ideas capitaes da Meteorologia Aristotelica e a illucidal-a. Nesta obra occupa-se o Stagirita das impressões igneas no primeiro livro, das aquosas e aereas no segundo e terceiro, e das terreas no quarto. Neste ultimo livro discute igualmente muitas questões relativas ao calor, frio, humidade e seccura. O opusculo do P. Manuel Goes a este respeito está dividido em treze tractados, em harmonia com o tempo que naquella epocha era destinado para o seu estudo.

Nos commentarios do collegio conimbricense aos livros de Aristoteles denominados—*Parva naturalia*, e que são realmente pequenos opusculos sobre coisas da natureza, e uma especie de supplementos aos livros da alma, se comprehende a explicação de certas affecções que ou convem a todos os viventes, como a morte e a vida; ou só aos animados, como a vigilia, o somno e a respiração. Nestes commentarios, que formam o segundo dos tres opusculos alludidos, não se encontra, como no anterior, a explicação do contexto de Aristoteles, mas apenas a sua principal doutrina.

O terceiro opusculo é formado dos commentarios do P. M. Goes á Ethica de Aristoteles a Nicomacho, que formam a ultima parte do volume onde se comprehendem os commentarios aos quatro livros do céo. Como nos anteriores, neste opusculo não explicou o contexto de Aristoteles. D'elle escolheu o melhor e mais aproveitavel, e dividiu o seu livro de Ethica em Monastica, Economica ou Familiar, e Politica ou Civil. A primeira considera o homem nas suas relações para comsigo; a segunda cura da disciplina domestica; e a terceira tracta do homem em relação á sociedade. A obra de Aristoteles correspondente distribue-se em dez livros. No primeiro tracta do fim das acções humanas; no segundo das virtudes em geral; no terceiro explicam-se os principios das acções honestas, e começa-se a exposição das virtudes em particular; no quarto conti-

nua-se a tractar do mesmo objecto; no quinto explica-se a doutrina da justiça; no sexto expõem-se os cinco habitos do entendimento; no setimo occupa-se Aristoteles da virtude heroica, da continencia e da incontinencia; no oitavo disserta ácerca da amizade e das suas especies; no nono continua-se a doutrina a respeito da amizade, e, finalmente, no decimo se disputa sobre a vida contemplativa.

Esta obra de Aristoteles pertence exclusivamente á Philosophia especulativa practica; a antepenultima á Philosophia Physica; e a penultima como que forma uma especie de intermedio entre as duas grandes divisões da sciencia humana

Nestes commentarios sobre Phylosophia Physica se encontra compendiado quanto de mais solido e perfeito se tinha feito até áquelle tempo. Debaixo d'outro ponto de vista não se pode dizer, apesar dos immensos progressos d'esta sciencia, que o methodo Aristotelico fosse absolutamente inexacto e destituido de fundamento. A observação não é substituida pelas investigações *a priori*. Até se Aristoteles merece, neste ponto, alguma censura, é por não ter sabido subordinar mais peremptoriamente o facto á lei. E cremos, como fica dicto, que o estudo d'esta parte da Philosophia de Aristoteles, ainda hoje, muito deve aproveitar aos que quizerem perscrutar os arcanos e progressos d'esta sciencia, bem como os do espirito humano. Os commentarios, portanto, do P. M. Goes, como summario de todas as ideas antigas sobre a Physica, merecem ser consultados e havidos na devida consideração.

Mas a Physica de Aristoteles é, para assim dizer, o vestibulo, o prefacio da Metaphysica. Este pensamento nos moveu a não desprezar completamente nesta parte os commentarios do collegio conimbricense.

Alem dos escriptos, de que temos fallado, cumpre-nos fazer menção especial dos commentarios aos tres livros da alma de Aristoteles. Nós já expozemos noutra parte o modo de pensar d'este philosopho sobre esta importante parte da Philosophia; e tambem fallámos das opiniões de S. Thomaz. Só nos resta, pois, neste logar, em harmonia com o methodo seguido, indicar a ordem por que as materias se encontram methodisadas. Nesta parte dos seus trabalhos o P. M. Goes explica, como nos seus commentarios á Physica e aos livros do céo, o contexto de Aristoteles; mas explica copiosa e largamente. Os livros da alma de Aristoteles são tres. O primeiro tracta da sciencia da alma contra a opinião dos antigos. O segundo consta de duas partes: na primeira, que comprehende o capitulo primeiro e segundo, expende as suas proprias ideas sobre a sciencia da alma; e na segunda, que vai desde o capitulo segundo até ao fim do livro, occupa-se o Philosopho das faculdades pertencentes á alma vegetativa, e dos sentidos ex-

ternos. Emfim o terceiro livro pode considerar-se dividido em tres partes: nos primeiros tres capitulos se estudam as faculdades internas; desde o capitulo quarto até ao nono se expõe a doutrina do entendimento; e na ultima parte do livro dão-se algumas ideas sobre o movimento e sobre algumas qualidades communs aos seres animados em geral.

Estes resumidos quadros de cada livro de Aristoteles concorrem para melhor se conceber o pensamento geral do Philosopho, já exposto, bem como a latitude das suas vistas em cada um dos ramos da Philosophia. A não podermos apresentar desde já um estudo minucioso, por nimiamente longo, de cada uma das obras indicadas, preferimos este methodo.

A respeito dos commentarios é verdade que o texto grego não segue a versão latina, mas a traducção é fiel e clara, e, quando é mister, se faz uso do texto original. Todas as opiniões dos Philosophos antigos são ponderadas e discutidas. A dicção é fluente e facil, e as leis do methodo rigorosamente observadas.

J. J. LOPES PRAÇA.

A FEBRE DO JOGO

(Continuado do n.º 10).

— Aceito, exclamo. É muito nobre a oferta para ser regeitada. Vae, então vae sem demora. Que se applaque quanto antes esta fome de Ugolino.

— Nada de pressas inuteis. O meu amigo vive no povoado alem da montanha, a duas legoas...

— Quem é?

— Paulino Ruy de Miranda.

— Oh! É um nome, que vale uma redempção.

— É homem laborioso, como sabes; sem paradeiro certo em quanto o requisitam as asafamas do campo. Por mim não conto gabar-me de ir dar com elle a hora tão mal escolhida. Voto que vamos refazer-nos, dormindo, dos estragos da noite, que ao descahir da tarde te prometto arvorar-me em paladino dos teus interesses. Sou forte na diplomacia d'estas negociações. Descança. Antes da meia noite serei contigo.

— Virás como um duende.

— De certo, pela meia noite.

— E has-de atravessar a montanha?

— Que remedio!

— Sem companhia?

— Certamente.

— Porem, se voltas com o dinheiro?

— Abraçar-me-has.

— Não receias salteadores?

— Criança!

— Ha-os aqui como em toda a parte. As vezes bem perto de nós...

— Com que ares o dizes! Ha-os principalmente nos contos á lareira quando são des-temperados do adubo do senso commum.

— O caso não é de riso.

— Deixa o caso por minha conta.

— Separámo-nos.

Entrei no meu quarto cambaleante como um ebrio. E, convulso e nervoso até ao refinamento, dirigi-me para um espelho curioso de julgar do modo por que as nocivas impressões d'uma noite tormentosa transparecem nos traços da physionomia.

Toldou-se com a minha imagem a limpida superficie do crystal. Inclinei-me sobre ella observando a alteração de cada lineamento ou parte caracteristica com a minudencia inspiradas do augur da antiguidade, quando revolvía as entranhas quentes das victimas para lhes arrancar segredos do futuro.

Alguma coisa me dizia que estava alli ferretado um terrivel destino. E estava.

Na vista torva, na vincada fronte, na terrea amarellidão da tez, no franzir dos labios, nisso em fim, que para um extranho poderia significar, quando muito, aturada effervescencia de cognak nos intestinos irritados, indigestão de aguardente com seu supplemento de fumo de mão tabaco, luxuria exhausta e insomnia, ou coisa assim; nisso, que, a fallar verdade, era pouco de espantar, percebia eu, não sei por que mysteriosa intuição, um como retabulo de morte, arreigado presentimento de crimes.

III

Tremendo de frio, cruciado pela hydra invencível de enormissimos cuidados, atirei-me, vestido como estava, para cima do leito, antes para refrigerar a atufada impaciencia, que, crescendo de ponto, me erguia ao apogeu das amarguras, do que para desafiar as blandicias suaves do somnifero deos.

O somno em taes condições não passa d'uma chimera, d'um vão desejo.

Levei todo o dia absorto ora na pendula, ora no quadrante do relógio, evadindo-me a interrogações impertinentes, e repellindo os alimentos com que a áfanosa complacencia de minha mãe estimulava meus desvanecidos appetites. A noite, a noite auspiciosa e cheia de promessas de bonança, alimentava os meus mais caros anhelos.

Lucio viria com ella, trazendo na alegria franca a revelação da boa nova boa nova.

Digo da boa nova, porque passava em proverbio a generosidade de Paulino Ruy de Miranda. Era elle a philantropia estreme, encadernada, de mais a mais, em fidalga adiposidade. Lucio não voltaria de escarcella vazia. Não, porque seria um milagre.

Mas, que regressasse carregado como o camello de um nabab?

Aqui despontam novas e ponderosas difficuldades.

Por que forma pagar tão avultados cabedaes, fosse qual fosse o prazo, que me concedessem para os grangear? Não era certo que, se me não faltavam vantagens e distincções, que bem aproveitadas emprehenderiam a provavel conquista de jardins de Hesperides, se lhes contrapunham todavia a lembrança assustadora do trabalho, com o qual eu andava em rançoso divorcio?

De meu pai que tinha a esperar?

Esmagado de desgostos, ferido de contratempos, atraído em suas relações de commercio, estrebuxava entre a banca-rota e o ultimo bruxear da honra em paroxismos.

Que cauterio applicar á cancerosa pustula? Que philtros inventar? Como despregar-me d'esta cruz dolorosa?

Esgotara as potencias da imaginação exacerbada; e ella, em suas malignas suggestões, só me deixava livre escolha entre puerilidades insignificantes, e execrandas torpezas.

Neste estado de coisas, quem hesitou já-mais?

Lucio havia de atravessar a montanha, só, incauto, velado pela escuridão da noite, vergando ao peso do dinheiro....

Que infernal idea!

Mas quem não afronta a infamia, para se remir d'essa outra infamia, que o universo enjoado cospe nas lividas faces da pobreza?

Decidi. Era mortal a enfermidade. Appellava para um remedio heroico.

Ergui-me de golpe com um plano formado. Fora demorada a incubação, mas lograva vingar glorioso, entrajado nas vestes amaldiçoadas do homicidio. Era um plano, cuja simples concepção valia um opprobrio, e cuja cobarde execução não obteria nome em lingua de homens.

Que me importava? Eu tinha uma idea só a arder-me no craneo, uma idea fixa, um principio de demencia.

(Continua)

A. DO CARVALHAL.

ESBOÇO HISTORICO

Da instrucção popular entre os povos antigos

Com o Egypto floresceu na Africa uma republica, que exerceu uma influencia decisiva na politica do seu tempo e na marcha da civilisação— Carthago. A sua posição geographica chamava-a ás conquistas da navegação e do commercio; e foram o commercio e a navegação os titulos gloriosos da sua maior celebridade.

No entanto Marte e Minerva tambem lá tiveram um fervoroso culto. As glorias militares do mais temido e mais implacavel inimigo, que teve Roma, são um pregão do seu nome famoso. Ao lado dos grandes capitães, Annibal ha de occupar sempre um lugar de

honra. E não se pode dizer que os carthaginezes renunciasssem ás glorias do estudo e da sciencia. Massinissa, filho d'um rei numida, foi educado em Carthago; o que nos leva a crer que nessa cidade havia uma eschola, pelo menos, capaz de dar boa educação á mocidade. Annibal era versado nas artes e nas bellas letras. Magon não illustrou mais a patria pelas suas victorias do que por os livros que escreveu. Clitomaco tem um logar de respeito entre os philosophos antigos....

Isto, só, basta para nos convencermos de que as letras foram cultivadas 'nessa republica tão celebre da antiguidade.

Mas em quanto á instrucção popular professavam os carthaginezes um principio absurdo, um systema quasi tão detestavel como o que se seguia no Egypto. Em Carthago só gozavam do beneficio da educação os filhos das familias notaveis. Desde os tres aos doze annos havia para elles a educação *religiosa* nos templos, a *industrial* prolongava-se depois até aos vinte annos, e nessa epocha começava a educação *militar*. E isto era só privilegio d'uma classe! A aristocracia do sangue, do poder e do ouro estava tambem aliada a aristocracia da sciencia. O povo!... esse era sempre o predestinado das trevas, o antipoda da civilisação! — Carthago foi uma republica, onde a educação e a sciencia nunca foram republicanas.

Na China a educação publica foi ao principio um objecto bem pouco considerado. Durante a primeira monarchia pouco nos dizem as chronicas antigas a respeito das instituições, destinadas a diffundir a instrucção entre os habitantes de imperio celeste. O que podemos averiguar é que na China, como acontece em todas as sociedades nascentes, foi domestica a primeira forma da educação.

Depois, quando ao governo monarchico succedeu o regimen feudatario, apresenta-se-nos a educação popular com um carácter mais definido. A sua diffusão era já um encargo do Estado; e tanto que no tempo de Confucio havia um collegio em cada principado, escholas nas povoações importantes e em todas as casas uma bibliotheca, embora pequena.

Mais tarde fundou-se o collegio imperial que recebia trezentos mil alumnos. E todas estas instituições eram uteis, porque evitavam a prevaricação nos costumes, promoviam o respeito ás leis, e inspiravam o amor á virtude e o odio ao vicio. Nesta parte eram os Chins mais consequentes, que as modernas sociedades.

Conhecendo quanto a instrucção era util para a felicidade de imperio e para a conservação da pureza de principios, em que assentava a constituição da familia, empenhavam-se em a diffundir na mais larga escala: e se não pagaram maior parte d'essa divida sagrada em

que os governos estão constituídos ainda para com o povo, é porque nunca comprehendem que o seu dever chegava até ahí.

Actualmente conhece-se que á instrucção do povo andam ligados os seus mais caros interesses, porque sem ella de nada valem todos os direitos e liberdades que as revoluções sociaes lhe conquistam; conhece-se que a moralidade não pode florescer numa ignorancia crassa, porque o homem deixa-se facilmente atascar no lodaçal do vicio e das paixões, quando não tem illustração de espirito e severidade de principios com que possa resistir á força que o arrasta para o abysmo; conhece-se isto e conhece-se mais que a educação popular é quasi uma floresta virgem que ninguem arroteou; e todavia é ella ainda um problema cuja solução sobrecarrega temerosamente a balança do seculo!

Continúa.

F. DE MEDEIROS.

A poesia, que em seguida publicamos, é uma das mais inspiradas composições de João de Deos. Tem uma historia singela e tocante: ahí vai como nol-a contaram.

João de Deos amava apaixonadamente uma formosa menina, que lhe correspondia com igual carinho. Amores de poeta são votados á desdita; o anjo que idolatrava desceu á campá, arrastando comsigo quem mais a estremecia no mundo. Mãe e filha tiveram a mortalha do mesmo lençol.

O inspirado trovador soffreu como soffre quem sente a mão de ferro da fatalidade desfazer-lhe as suas mais queridas illusões, arrebatá-lhe as suas mais risonhas esperanças. Desde então, isolado de consolos, ficou tendo por unicos affectos as caricias d'aquella *gata*, que o leitor já conhece.¹

Um dia, em que os companheiros do poeta, querendo a todo o custo distrahir-o, o forçaram a assistir a uma toirada, João de Deos, que vira uma irmã da mulher, que adorara, melancolicamente encostada á janella de sua casa, escreveu a lapis, sobre o joelho, no meio dos clamores da turba, ebria de espectaculos barbaros, a poesia, que segue:

Rachel

Labitur ex oculis quoque gutta maris
OVID.

Despe o luto da tua soledade,
E vem junto de mim, lyrio! esquecido
Do orvalho do céu!

Tens nos meus olhos pranto de piedade;
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu!

¹ A *uma gata* — poesia publicada em o n.º 5 da *Academia*.

Sou pobre de consolos! não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possa as d'outro enxugar:
Não pode allivios dar quem vive triste;
Mas é-me doce a mim chorar, se escuto
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz d'aurora!
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deos?
Se é como justo e bom que elle se adora,
Quem te ha mudado a ti, oh! rosa, em lyrio,
E em lyrio os labios teus?

Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, e esses espaços
Não enche elle de luz?
Não veio o filho seu, lyrio dos valles,
Nos braços d'uma cruz pregar seu braços,
E expirar numa cruz?

Mulher! mulher! quando eu num cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho
Eis — digo — eis o que eu sou!
Mas quando penso bem nesse mysterio
Da virtude infeliz..... — vai teu caminho,
Dois mundos Deos creou!

Deos não dispara a setta envenenada
Á pombinha, que aos ares despedira,
Com mão traidora e vil:
Imagem sua — Deos não volve ao nada,
Não aniquila a flor que ao chão cahira
Lá d'esse eterno abril.

Hasde, cysne, expirando alçar teu canto!
Hasde lá, quando a lua da montanha
Te diga o extremo adeos
Voar, candida, ao céu; e ebria d'encanto
No oceano d'amor, que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

Seres d'ellas, mãe e irmã! cinzas cobertas
D'um só lanço de terra! oh desventura
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas,
Guiando-se uma á outra á sepultura
E a mãe « Rachel, Rachel! »

Desde então á janella do Occidente
Te hão-de ver como a bussola em seu norte,
Fita, pensando... em que?
Oh! não nos vões tambem, pomba innocente!
É grande a eternidade; é certa a morte;
Espera, vive, e crê!

JOÃO DE DEOS

EXPEDIENTE

A abundancia de materias força-nos a supprimir
n'este n.º a secção da *Revista*.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

LIBERDADE E REACÇÃO

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO)

XXXI

Portugal, ligado em estreitas relações diplomaticas e commerciaes com a Inglaterra e com a Holanda; mais ou menos aparentado e relacionado com a França; irmão pelo berço e companheiro em quasi todas as transformações historicas do paiz mais visinho—a Hespanha; porto aberto e amigo a todas as nações alliadas, havia de forçosamente agitar-se e obedecer ao movimento revolucionario, que animou toda a Europa nos fins do seculo XVIII, e continuou ainda neste a sua obra ao mesmo tempo dissolvente e reparadora.

Despertado pelas armas de Napoleão em 1807, houve-se com aquella coragem com que sempre soubera sustentar a sua integridade e independencia nacional; e quando as nações da Europa, fatigadas de tão longa e affanosa lucta, se preparavam para repousar á sombra da paz geral e fazer fructificar a terra, regada com o sangue de muitas victimas, compoz tambem uma estrophe para o hymno, com que o povo devia solemnisar o feliz successo.

Esta commoção accidental e provocada, em nada alterou a situação politica do paiz.

O movimento espontaneo, a iniciativa popular, o grito de liberdade manifestou-se depois; accendeu-o nos animos a revolta militar de 1817.

A sympathia que inspirou ao povo o desastroso desfecho da primeira tentativa liberal; a desaffronta que energicamente reclamava o sangue de tantos militares valentes, com que os partidarios do absolutismo haviam suffocado os generosos impulsos da revolução pedida; as ideias da philosophia politica do seculo XVIII; o exemplo d'outras nações e os principios de 89, ignorados do povo, mas que fermentavam em muitas cabeças livres e independentes, — por um lado: e por outra parte — a reacção provocada pelo furor, com que a inquisição confiscava os bens e fazia pasto das chamas milhares d'individuos; o systema compressivo da *sancta alliança* entre o altar e o throno, que continuamente vexava e opprimia os povos em nome e para defesa d'um falso catholicismo; a decadencia a que tinha sido arrastada a nação em todos os ramos da administração publica; a falta de meios com que de ha muito luctava o erario; a miseria que

affligia as classes inferiores da sociedade; o despotismo da nobreza; a preponderancia do clero restabelecido pela morte de Sebastião de Carvalho, favorecida pelo governo fraco e inerte d'um rei bondoso, foram origem, e como os dois focos conjugados que produziram a resultante revolucionaria de 1820.

Foi na constituição de 22, primogenito das nossas tentativas liberaes, que a mão do povo escreveu os principios salutaes e fecundos do liberalismo, que lançou os fundamentos do governo democratico, que devia substituir a realza absoluta e affastar dos negocios publicos a pernicioso ingerencia da nobreza e do clero, até então conselheiros unicos e directores assiduos da coroa.

Mas a confiança que inspiravam as promessas d'um rei, cuja bondade o povo reconhecia e acatava, foi bastante para impedir que a constituição, que levava dois annos a discutir e formular, vigorasse por muito tempo.

Em 1823 restabeleceu-se o governo absoluto, e a reacção aristocratica e ultramontana prepara-se para continuar a sua obra de exterminio sacrificando o bem do povo, e ao mesmo tempo compromettendo a dignidade d'um principe.

Em 1826 triumphou a causa da liberdade, e os principios salutaes e fecundos da constituição de 1822 reaparecem, embora modificados; por isso que sobre a Carta Constitucional de 29 de abril, outhorgada pelo Duque de Bragança, assentara a espada d'um imperador, pesavam os diamantes de duas coroas.

O movimento continúa ainda até 1836, em que a soberania popular desenvolveu toda a actividade e energia, que lhe inspiravam a sanctidade da sua causa e a voz potente e persuasiva dos coripeus do liberalismo. A constituição de 38 é fructo de tamanho esforço.

Comprimidas por algum tempo estas nobres aspirações e generosos impulsos, ergue-se de novo aquella onda popular em 1846 que só a armada ingleza pôde abater, o exercito hespanhol arremessar para longe das praias da democracia, aonde ella devia levar como a porto amigo os homens e as instituições.

Mas nem as maquinações da reacção, as tramas urdidas nas secretarias d'Estado, a imponencia da frota ingleza, nem a invasão do exercito de Isabel II, poderiam conter os animos nas tendencias reformadoras, que em parte lograram realizar-se na transformação regeneradora de 1851.

D. MARIANNA OSORIO DE CASTRO CABRAL E ALBUQUERQUE

(TRADUZIDO DE GOETHE)

Desde esta memoravel epocha até hoje, a nossa historia interna é ainda a continuação d'esta não interrompida lucta da reacção ultramontana contra o liberalismo.

É a força retrogressiva dos sectarios do despotismo e da theocracia, pretendendo arrastar para o abysmo tenebroso d'um passado medonho e triste o povo que caminha para a luz.

Essa lucta traduz-se bem claramente na admissão tão applaudida, e tão pertinazmente sustentada pelos sectarios da reacção ultramontana—*dos falsos seguidores de S. Vicente de Paulo*; tão energica e triumphantemente combatida pelo partido liberal, já das columnas da imprensa, já da tribuna parlamentar.

Manifesta-se d'uma maneira assás positiva, na opposição louca e infundada do partido reactionario á *desarmotisação* justa, necessaria e util dos bens ecclesiasticos, proposta e defendida com todo o rigor d'uma convicção motivada pelos representantes do partido liberal.

Denuncia-se na repugnancia d'alguns dos nossos prelados em dar cumprimento ás medidas legaes, emanadas dos poderes do Estado, que de modo nenhum invadem a esphera da igreja nem offendem os direitos e prerogativas do episcopado; tendo apenas o *defeito* de realisar um principio de liberdade politica e de satisfazer ás exigencias da ordem moral e economica da vida civil.

Reapparece d'uma maneira bem caracteristica em uma serie de questões graves e em conflictos perigosos, que pelo menos retardam a sua prompta solução.

É ainda essa lucta, que revive e continúa actuando nos negocios mais interessantes da vida social, em todas as questões, que de perto ou de longe podem ligar-se ás instituições da igreja ou aos interesses da *classe*.

Tal é a guerra acintosa, a opposição exaggerada, que os absolutistas e ultramontanos levantam contra o projecto do código civil, que, respeitando a *religião do estado*, admite pelo principio da *tolerancia dos cultos* sancionado no § 4 art. 145 e outros da nossa lei fundamental, o *casamento civil*.

O quadro desanimador d'estas luctas, provocadas sempre por aquelles que, não tendo coragem para se apresentarem com a mascara do despotismo, que para nós é odio e execração, para elles o mais perfeito ideal politico, se appellidam subditos de um rei imaginario, cortesãos de um throno phantastico, apóstolos de uma religião, que insultam, adoradores perante um altar, que profanam; seria a resposta mais completa ás admirações e ás apprehensões infundadas, que agitavam o espirito e a palavra de Montalembert no congresso catholico de Malines.....

(Continúa)

E. GARCIA.

De meu só tenho a ramada,
A nuvem, a relva, a brisa,
Que fragrante, embalsamada,
Na amendoeira deslisa.
De meu só tenho a ramada,
A nuvem, a relva, a brisa.

Mas eu prefiro á bonina,
Ao ar, ás flores, aos céos,
A tua voz argentina,
Um olhar dos olhos teus.
Que mais val, do que a bonina,
O ar, as flores, os céos.

Os teus suspiros só tenho,
Que me inebriam d'amores,
O teu cabello castanho,
Do teu rosto as castas flores.
Os teus suspiros só tenho,
Que me inebriam d'amores.

A toutinegra nos ramos
Solta ao vento o seu cantar,
Assim tambem tu me inflammas,
Com teu suave fallar!
Qual toutinegra nos ramos,
Ai! quão doce é teu cantar!

Tu és como a flor da veiga,
Como o sol em alto viso!
Quem te vê, ó virgem meiga,
Obedece ao teu sorriso.
Pois és como a flor da veiga,
Como o sol em alto viso!

Amor, venturas, encantos,
Leva tudo, anjo dos céos!
Dá-me só teus lindos cantos,
O teu bafo, e os olhos teus.
Amor, venturas, encantos,
Leva tudo, anjo dos céos.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

29 de Janeiro de 67.

APONTAMENTOS

Sobre o movimento historico da Philosophia entre nós

X

Concluiremos neste artigo a noticia individual dos commentadores conimbricenses. Falta-nos fallar de Sebastião do Couto e Balthesar Alvares.

Sebastião do Couto nasceu na villa d'Oli-

vença, foi admittido na idade 15 annos á Companhia de Jesus em 8 de dezembro de 1582 e morreu a 21 de novembro de 1639. A obra que lhe abre nestes apontamentos um lugar bem merecido inscreve-se: *Commentaria Collegi Conimbricensis in universam dialecticam Aristotelis Stagyrice*.

Fobres tinha publicado em 1604 uma dialectica, que se dizia do collegio Conimbricense, e foi para responder a esta publicação que Sebastião do Couto foi encarregado da redacção dos commentarios do collegio Conimbricense a toda a Dialectica de Aristoteles, os quaes foram effectivamente publicados em 1607.

O plano d'estes commentarios foi o seguido em todos aquelles de que temos fallado. A Dialectica de Aristoteles é alli estudada e explicada á vista de todos os seus commentadores, e as suas opiniões confrontadas com as dos outros philosophos.

Balthasar Alvares era natural de Chaves, entrou na companhia de Jesus em o primeiro de novembro de 1578, e morreu em Coimbra a 12 de fevereiro de 1630, quando já contava 69 annos de idade. Devemos a este philosopho o seu *Tractatus de anima separata*, publicou-se sem o nome de Balthasar Alvares, e foi o ultimo commentario do collegio Conimbricense. Tambem escreveu um outro livro intitulado: *Problemata quæ Conimbricensis collegii commentariis Physicis enodantur*. Ambas as obras d'este Philosopho são dignas de ler-se, e concorrem para a melhor comprehensão da Philosophia do collegio Conimbricense. O traçado de todos os commentarios do collegio Conimbricense, a respeito da maneira por que as doutrinas eram expostas, era quasi commun.

É por esta razão que, antes de dar conta d'alguns philosophos mais ou menos notaveis, e de mostrarmos a influencia dos commentadores no futuro de nossas letras, resolvemos transcrever uma parte d'um magnifico artigo de Barthélémy Saint Hilaire, recommendavel pela sua exactidão, profundeza e imparcialidade. É assim que os espiritos esclarecidos costumam fazer justiça. O artigo a que nos referimos diz assim:

« As obras dos Coimbrões não tem nada de profundamente original para o pensamento philosophico; mas é essa mesma ausencia de originalidade que lhes dá o caracter que lhes é proprio. São unicamente fieis á tradição peripatetica. A necessidade de innovar, que, no fim do seculo XV, agita os espiritos, é-lhes completamente estranha, e, demais, é-lhes completamente antipathica. Defendem Aristoteles e a Igreja com equal ardor; e o peripatetismo não lhes é menos caro que a doutrina catholica. Limitam-se, portanto, em geral a simples commentarios; e ainda quando não adoptam esta forma, é sempre o pensamento do mestre que reproduzem. Mas reproduzem-no com os

desenvolvimentos que a escolastica lhe tinha dado. São ainda nisto os representantes fidelissimos da tradição, de que elles não ousam desviar-se por forma nenhuma, e que os liga sobre tudo a S. Thomaz. Todas essas questões em numero quasi infinito, umas subteis, outras profundas, na maior parte ingenhosas, que a escolastica tinha alevantado a respeito dos principios peripateticos, sobre tudo em Logica, são renovadas pelos Coimbrões. Percorrem com o maior cuidado e com uma exactidão verdadeiramente admiravel todas as soluções que lhes foram dadas pelas escholas e pelos doutores mais celebres; classificam-nas com um methodo perfeito, subordinam-nas segundo a sua importancia, e conseguem expol-as e discutil-as sem confusão, sem prolixidade, e sem perder, nem um só instante, de vista a questão principal através dos mil rodeios d'esta analyse minuciosa. Em seguida, depois de ter notado todas as phases diversas, e, muitas vezes, tão delicadas, pela qual passou a discussão, resumem-na e dão-lhe uma solução propria, consequencia não raro feliz de todas as que a precederam. Não accrescentam muito, se quizerem, aos trabalhos anteriores; mas completam-nos, aproximando-os uns dos outros, e deixando-nos ver o seu ultimo resultado. »

« Infelizmente este paciente trabalho não está completo; e na logica com especialidade os commentarios de Coimbra, que, a certos respeito, são verdadeiramente uma obra prima, apresentam lacunas consideraveis. As primeiras partes do *Organon* foram tractadas com um cuidado exquisito e desenvolvimentos exaggerados; as ultimas, pelo contrario, foram mutiladas; ou fosse por falta de tempo, ou por falta de paciencia. Os commentarios de Fonseca sobre a metaphysica de Aristoteles estão cheios a um tempo de sagacidade e solidez, e poderão ser sempre consultados com proveito. »

« Os Coimbrões tem portanto em philosophia um lugar assaz consideravel; sustentam a auctoridade de Aristoteles com trabalhos muito estimaveis, se não devo dizer muito novos, numa epocha em que esta auctoridade é ameaçada de todas as partes. Instituem os mais laboriosos estudos sobre esta grande doutrina numa epocha em que ella está desacreditada, e procuram conservar em todo o seu vigor habitos, que não estão no espirito d'aquelle tempo. São escholasticos nos seculos XVI e XVII. Não imitam as escholas protestantes que não querem conhecer Aristoteles senão no proprio Aristoteles. Os Coimbrões querem estudar Aristoteles com o arsenal inteiro de todos os commentadores que elle produziu. De resto os jesuitas não fizeram nisto senão o que faziam as outras ordens mais antigas que a sua, e que guardavam as tradições escholasticas com a mais esculpulosa fidelidade. »

« Bruckner censurou-os talvez com alguma injustiça. A sociedade de Jesus, com os principios que devia defender, não podia fazer em philosophia senão o que fez. O papel de novadores pertencia aos espiritos livres, que, como Ramos, Bacon e Descartes procuraram caminhos novos em sciencia e em philosophia. Os Coimbrões, por sua parte, fizeram rejuvenescer quanto puderam a escolastica fundamentada sobre Aristoteles; não podiam ir alem. Esta reserva teve certamente o seu lado censuravel; e, prolongada demasiadamente, pôde ter no seculo XVIII o seu lado algum tanto ridiculo. Mas teve tambem suas vantagens, foi ella que em parte conservou pela antiguidade estas lembranças de respeito e de estudo que Leibnitz tanto apreciava, e que a nossa idade renovou com tão bom exito. Bruckner é mais justo, quando pensa que a historia completa da escolastica deveria comprehender os Coimbrões. É um juizo exacto, que deve demonstrar e circumscrever a um tempo a importancia dos seus trabalhos. »

Quem tiver conhecimento da philosophia dos commentadores Conimbricenses não poderá negar, na generalidade, a estas palavras de Barthélémy de Saint-Hilaire um caracter de imparcialidade, justiça e exactidão, que só pode dar aos seus escriptos o homem instruido e consciencioso.

J. LOPES PRAÇA.

LEMBRAS-ME TU!..

Se ao enlaçal-a no peito
Me cae desfeita uma flor,
Lembras-me, sonho desfeito!..
Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix
D'um lyrio aos ares se ergueu,
Lembras-me, estrella dos valles!..
Lyrio do céu!

Se ainda um sonho em mim vive
Entre os que mortos possuo,
Lembras-me, sonho que eu tive!..
Lembras-me tu!

JOÃO DE DEOS.

A FEBRE DO JOGO

(Continuado do n.º 10).

Nove horas.

Era tempo de cumprir-se a fatidica sina. Lá fóra desprendia a tempestade as borrascosas azas pelo entenebrecido espaço. Espessa saraivada fustigava impetuosa as minhas vidraças. O céu abrazava-se em clarões ephemericos. E a terra revolvía-se açoutada pelos

impetos recrudescentes de successivos furacões. A immobildade sombria das cathedraes antigas, dos torreões conicos de mourisca fabrica, dos zimbórios dos edificios circulares e colossaes, illuminada a espaços pelas phosphorencias pallidas dos relampagos, dava ao espectáculo um lugubre character. Dir-se-hia que o abysmo vomitara legiões de demonios, que ameaçavam este nosso acanhado canto de mundo com um formidavel torvelinho, reduzindo-o a arena de vertiginosas choreas.

Era uma tempestade, d'essas tempestades impossiveis, sopradas a capricho para darem realce ás tragicas narrações.

O rei Lear, esse louco extraordinario e sublime, perderia a melhor parte da sua imponente magestade sem a furia desesperada dos elementos, que o fulmina na floresta, arrancando-lhe espantosas invectivas contra o mundo, contra os infernos e contra os céos.

Eu, que ardo por me collocar fóra da orbita ordinaria, não dispensaria na mais terrivel excursão da minha vida o fogo dos raios para me allumiar o caminho, e o estourar dos trovões para suffocar o estrepito dos meus passos.

Feitos os aprestos, que julguei necessarios, sahi com a rapidez do pensamento.

Indifferente a quanto me cercava, só submerso nas ideas perfidas, que levedavam em meu animo, sem ver, sem ouvir, quasi inconsciente caminhava como um somnambulo. Apenas, ao passar algumas ruas, por cima dos clamores do vendaval me estrugia aos ouvidos, de longe em longe, como uma risada blasphema o alarido despejado da embriaguez, que transpirava do fundo de becos fetidos e de casas de equivocas industrias.

Mas breve toquei as abas da montanha, onde já não chegavam esses estouvados ruidos.

Lancei em volta de mim rapida vista, e quasi me senti enfraquecer. Achava-me completamente só, em face d'uma natureza agreste, debaixo de um céu iroso, e com a alma cheia de projectos do sangue. Horrorisado de me ver allí, tão perto do crime, tive medo de mim proprio, chegando a imaginar que o meu corpo, este corpo que eu palpava, e que eu sentia, era propriedade de outro dono.

Foi um momento lucido.

Novamente endurecido tomei por uma vareda pouco frequentada, vadeei uma escura torrente, e perdi-me nas erriçadas penedias, transpondo torrentes e vallados, rasgando as carnes nos densos sarçaes e nas protuberancias dos granitos sem topar com embaraços no difficuloso transitio. As urzes estalavam debaixo dos meus pés. Os pincaros, só accessiveis ao vôo triumphante das aguias, pareciam acurvar-se humilhados em comoros de verdura. As escarpas dos precipicios tambem me abriam passo franco. E cada nova barreira a transpôr, novos alentos me insuflava.

A velocidade de meus movimentos, meu vulto incitado como pela febre d'uma doença vertiginosa, a cadencia monotona de meus passos, e a segurança milagrosa, com que me firmava no chão pedregoso e resvaladio, davam-me por certo o toque phantastico de visão extravagante d'um delirio, ou de infeliz estranhamente arrebatado da ancia tenaz de mortal hydrophobia. Dir-me-hiam levado d'um turbilhão maligno como se o genio do mal, segundo a decencia pede que se chame ao cão tihoso, me coadjuvasse mediante um pacto execravel.

Um amator de legendas, que me visse passar auréolado pela luz sinistra dos relampagos, jurara, invocando o inferno, que vira o judeu errante com os espantadiços olhos da cara. Um bardo desgrenhado e imaginoso, livre no idear, como são livres os pintarroxos e os melros e os rouxinosos da deveza, e as vozes do infinito, e os mares, sem temer conspurcar a minha senatoria gravidade e meus melindres bem entendidos, comparar-me-hia, em virtude d'essa liberdade, a um cavallo abyssinio, que passa no deserto, desdenhando oceanos de areia e ameaços do *simoun*. Um sabio ou um jornalista, um homem de alma ou um agiota não se ergueriam a menor altura.

Lembra-me o caso do Evangelho, em que o espirito immundo, afugentado dos energumenos pelo sagrado esconjuro de Jesus, se catrafilou nos pobres cerdos, que se apascentavam no monte vizinho, levando-os de roldão, pendor abaixo, até os afundar nas salgadas aguas. Lembra-me, porque a vertigem, que me arrastava, era nem mais nem menos a de um cerdo do Evangelho, a despeito de bardos, de legendarios, de sabios e tudo.

Levava na alma a blasphemia, e na horrenda catadura o desafio.

Que se convertesse cada folha silvestre em reservatorio de chuvas para se rasgar na minha passagem; que se esphacelasse o globo em terremotos; que cahissem raios do céu irado como trasborda *champagne* d'uma garrafa feita estilhaços pelo expansivo impulso do licôr!

As peças da minha armadura saíram temperadas de forja nigromantica. Resistiriam ás iras das potencias superiores como aos turbilhões de fluidificada lava ejaculados de mil crateras.

Meu bordão de peregrino era o lustroso canno d'uma clavina americana, e tinha a aza invulneravel de Satanaz como seguro palladium.

IV

Parei em fim no viso d'um rochedo á borda do caminho.

Uma refega do sul troxe arrastado o som plangitivo d'um relógio. Contei dez horas.

Chegara a tempo de consummar o attentado. O diabo esfregava a cauda de contente.

Alongara-me da cidade meia legoa ao norte.

Era aquelle o sitio mais agreste e temeroso da montanha.

Cruzam-se em varios sentidos veredas pedregosas e pouco trilhadas, que apparecem e desaparecem como serpeando por entre penhascos enormes e irrugulares, os quaes parecem ameaçar a eternidade como titans em competencia com os deoses. Algumas raras arvores, pobres de seiva e de vigor, enraizando-se nas fendas dos fraguedos neste momento clareados pelos relampagos, erguem para as nuvens os braços estereis, ou se inclinam sobre as gargantas fundas, onde se despenham mugidoras torrentes.

O céu era prodigo em sombras. Sómente, alem da luz resultante da combinação das duas oppostas electricidades, resplandeciam ao longe, nas aldeias, rapidos luzeiros como phosphorescencia de brejos.

Eu era a alma da sombria paisagem. Em pé, no ponto culminante d'este logar sinistro como que votado ao crime, com os cabellos fluctuantes e postura feroz esteiava-me á certeza clavina, que transluzia pela abertura do meu capote.

A paisagem offerecia uma perspectiva digna do magistral pincel de Salvador Rosa. Era sombria como a ordinaria inspiração do aventureiro companheiro de Masaniello.

Decorreu mais de meia hora. Por cima dos fragores da borrasca resouo então o tratar longinquo e cerrado de um cavallo.

Devia ser o cavallo, que Lucio costumava arriscar nas digressões d'este genero.

Não podia estar distante o meu intrepido e dedicado amigo.

A taes deshoras, n'uma tal noite, e em tal sitio, quem passaria senão elle?

Todos dizem que facilmente nos convencemos do que desejamos. É certo. Assim me pareceu infallivel o raciocinio. Sem mais reflexão escondi-me na concavidade d'um penhasco.

O ruido tornava-se cada vez mais vigoroso. Já se ouvia distincto.

Armei a clavina.

E esperei acurvado, attento e vigilante como o leopardo, quando de entre a espessura dos bambús espreita, aguçando as preas, o desaparecido viajante.

(Continua)

A. DO CARVALHAL.

ESBOÇO HISTORICO

Da instrucção popular entre os povos antigos

Era esse o pensamento que presidia ao procedimento do governo chinez, era esse o espirito e o fim das instituições creadas para o deramamento da instrucção. De epocha para epocha conhecia-se um melhoramento profundo nas condições moraes do paiz; e se em o nosso intuito coubesse descrever o seu estado actual,

diríamos com um notavel escriptor, que foram entre elles tão successivos os progressos da instrucção publica, que hoje na China todos os artistas sabem ler, e fazem uso, pelo menos dos livros que são relativos á sua profissão: seríamos obrigados a confessar, embora corados de vergonha, que num paiz, que a Europa orgulhosa tem como pouco civilizado, são já realidade principios d'alta justiça, que muitas nações não consignaram ainda nos seus codigos politicos, e a que muita gente por cá chama descaradamente utopias. Para exemplo sirva o ensino obrigatorio.

A instrucção do povo mereceu, por tanto, aos chins uma attenção desvelada desde epochas muito proximas ao começo da sua existencia politica.

Os indios não nos legaram uma instituição que imprimisse um vigoroso impulso ao desenvolvimento do espirito humano, que fosse um marco milliarior levantado na estrada da civilisação, para attestar um novo progresso da humanidade.

As suas doutrinas eram obscuras; mal deixavam entrever alguns raios pallidos: e estes serviam apenas para lhes perturbar a imaginação, e nunca para lhes fortalecer a consciencia.

É por isso que as classes superiores passavam a vida engolfadas em sonhos umas vezes deslumbrantes de felicidade, outras vezes terriveis.

As classes inferiores.... a essas nem sequer as obscuras doutrinas dos indios permittiam a perspectiva d'um sonho brilhante! O seu destino era — serem arrojadas ao abysmo dos mais crueis soffrimentos, ou serem absorvidas no vortice de prazeres ignobeis!

O fundo intellectual d'aquelles povos era limitadissimo; e isso mesmo era ainda privilegio exclusivo dos Brahmanes, que, para melhor lhes dominarem o espirito e a consciencia, tinham todo o cuidado em lhes não revelar os seus conhecimentos. Seguiam a mesma politica que os sacerdotes do Egypto.

A instrucção popular foi, portanto, inteiramente desdenhada por os indios.

Entre os babilonios a sorte do povo foi analoga á das ultimas castas no Egypto e das parias na India. Havia a mesma ambição infrene e vergonhosa de poder, identidade de interesses, egualdade de aspirações, o mesmo egoismo sem alma!

As pessoas illustradas formavam a classe dos Magos com funcções e direitos hereditarios. Tendo a seu cargo a educação do povo, ensinavam-lhe uma sciencia que não tinha a pureza da que elles possuíam.

Como o da raça sacerdotal no Egypto o principal empenho dos magos consistia em solidificar a sua supremacia; e por isso os co-

nhecimentos, com que ostensivamente pertenciam illustrar a intelligencia publica, eram sempre envolvidos em metaphoras obscuras, caracteres mysteriosos e expressões enigmaticas, que perturbassem o espirito do povo e lhe desvairassem a consciencia.

Tendencia fatal que se observa em todos os povos antigos, onde a sciencia era um privilegio e a instrucção um direito da classe! Terrível symptoma de abatimento moral que ainda vimos reproduzido por toda a Edade media, embora em menor escala!

A historia inexoravel e inflexivel apontanos em caracteres de bronze uma verdade bem dura, um exemplo tremendo, que ainda hoje pode servir de lição ao povo. E se ao menos a sua lembrança lhe aproveitasse!...

Em todos os tempos é em todos os povos, sempre que os padres constituiram uma classe á parte dos outros homens, nunca deixaram de ter interesses contrarios, ou pelo menos differentes dos da humanidade. Consagrando todas as potencias da sua alma á consolidação do seu poder e ao engrandecimento da sua classe, sacrificavam-lhe leis que tinham de respeitar, deveres que tinham de cumprir, consciencia, patria... tudo: até a propria religião era nas suas mãos um instrumento para a realisação dos seus planos abominosos. Os sacerdotes no Egypto, os brahmanes na India, os magos em Babylonia, a edade-media... são um testemunho irrefragavel da veracidade da nossa asserção.

É por isso que em todos estes povos não encontramos uma só instituição que occupe uma pagina brilhante na historia das manifestações do espirito humano.

A educação da mocidade foi tida pelos persas na maior consideração. Xenophonte dá-nos a este respeito um testemunho inequivoco. Os paes eram em geral sollicitos na instrucção de seus filhos, porque nos seus livros de moral se lhes dizia — se quereis ser sanctos instrui vossos filhos, que a moralidade das suas acções ser-vos-ha imputada.

Isto é d'uma eloquencia admiravel, ainda mesmo para nós que já avançamos tantos seculos! Em os nossos dias ainda se não disse mais nem melhor ácerca dos deveres da paternidade e da enorme responsabilidade que recahe sobre os paes, se com mão brutal suffocarem a intelligencia dos filhos e não lhes dissiparem as trevas da consciencia com os raios benéficos da instrucção.

Os persas bem conheciam que a atrophía moral é o peor flagello d'um povo, a fonte perene dos seus mais crueis soffrimentos; não ignoravam a influencia soberana que os habitos exercem nas facultades intellectuales, como na economia physica o homem, sendo que na sociedade todos hão de indispensavelmente adquirir-os bons ou máos; e por isso prescreveram, como o primeiro e mais sagrado dever

dos paes, a educação dos filhos, dirigida de modo que nunca elles viessem a contrahir hábitos ruins que lhes prejudicassem a sua felicidade futura.

No entanto não descançavam, com relação a um assumpto de tanto momento, no desvelo tão só dos paes, que uma cega e molle ternura podia facilmente contrariar. Como o bem publico e a utilidade commum eram o principio e o fim de todas as suas leis, olhavam a educação da mocidade como o dever mais importante e a parte mais essencial do governo: o pensamento dos persas consistia em formar cidadãos uteis e homens honestos. E conseguiram-o.

Até aos desesete annos estavam os persas fóra da casa paterna, entregues a mestres respeitaveis por seus costumes e sua sciencia, que pelo estado eram incumbidos da educação da juventude nòs principios da justiça e da moral. As suas leis facultavam a todos o accesso ás honras e aos cargos publicos, abriam as carreiras ás vocações; mas o seu espirito sabiamente democratico só consentia que, nos empregos e dignidades publicas, fossem investidos os que tivessem recebido em uma boa escola a instrução conveniente.

E depois a todas ás leis, que prescrevessem a educação publica, presidia um principio salutar, que ainda hoje não foi abraçado na sua plenitude pelas modernas nacionalidades:— diziam elles que era melhor prevenir os crimes do que punil-os; e em quanto os outros estados se compraziam em estabelecer penas contra os que infringissem as leis, tractavam elles de fazer com que não houvesse criminosos, repartindo a instrução por todos. E eu aponto o meio por que todos os persas aprendiam o respeito á justiça e ás leis:

Entre elles havia tribunaes, onde os filhos familias eram obrigados a julgar de alguns feitos da sua competencia, como accusações de calumnia, de violencia, de fraude, devendo as sentenças ser proferidas sempre em harmonia com as leis. Xenophonte especialisa algumas causas affectas a esses tribunaes. Uma, para exemplo, fal-a elle narrar, pouco mais ou menos, do seguinte modo pela bocca de Cyro, que nella foi juiz:

Um mancebo de estatura elevada, que trazava uma tunica curta, tirou a outro a sua, que lhe era cumprida, e deu-lhe a que elle trazia; foi este caso levado ao tribunal, e eu, sendo chamado a julgar do facto, disse que era bom que ambos ficassem com a tunica que melhor lhe assentava;— o mestre castigou-me por dar esta sentença, dizendo-me que eu fora chamado para julgar se ambos possuíam justamente a tunica, ou se no facto tinha havido violencia e roubo.

Esta instituição revela-nos o esmerado cuidado que havia na Persia com a educação da mocidade. Não preferimos a organização d'es-

tes tribunaes ao modo por que elles se acham estabelecidos entre nos; não é nosso intento preconisar as vantagens da sua adopção, como pretende um notavel escriptor d'este seculo, que chega a censurar as nações civilisadas da Europa por não imitarem o procedimento dos persas; mas, no entanto, queríamos que da nossa parte houvesse um zelo, que, a não ser maior, não cedesse, pelo menos, ao que os antigos persas consagravam á instrução uniforme de todas as classes.

Eram esses os nossos ardentes desejos.

A Grecia, tão notavel pelo amor á liberdade, como pela sua dedicação ao culto das artes e das sciencias, pouco melhorou a dureza do destino das classes inferiores. A philosophia teve lá um desenvolvimento espantoso, mas era só entre as escholas que se pleiteavam os grandes problemas que envolviam em si o conhecimento da natureza do homem e dos deoses, a origem do mundo e a do genero humano. O espirito popular, as classes desherdadas da fortuna quasi que continuaram encadeadas a uma infancia perpetua.

Em Athenas a instrução era apanagio dos ricos. Só os que a fortuna bafejára no berço podiam sentar-se ao banquete da vida. Solon confiou ao areopago a vigilancia da educação da mocidade, estabeleceu em favor da ultima classe de cidadãos o direito de votarem em todos os negocios que respeitavam directamente aos interesses da patria; os filhos de Pisistrato fundaram escholas para melhoramento da mocidade, mandaram erigir Marcos em todas as estradas com sentenças moaes escriptas sobre elles para a instrução das classes mais baixas; mas nada d'isto obstou a que o povo não fosse sempre um instrumento maleavel nas mãos do primeiro astucioso que ambicionasse as redeas do poder. E não pareça que estas instituições contradictem o que anteriormente dissemos, porque educação politica nunca a houve em Athenas: o povo não comprehendeu jámais a magestade do direito em que estava investido; votava em os negocios onde iam envolvidos os interesses da republica, mas votava sem consciencia, porque a educação que lhe davam dirigia-se especialmente a formar guerreiros intrepidos, e a fomentar entre elle um patriotismo exclusivo, desligado dos interesses da humanidade e que, servindo para o engrandecimento dos povos, foi por muito tempo poderoso obstaculo para o estabelecimento da paternidade social.

Continúa.

F. DE MEDEIROS.

REVISTA

Começo esta revista dando aos meus leitores uma novidade interessante: chegou a primavera.

Gastaram os pobres mathematicos dias de fadiga e noites de tormento a esgaravatar no infinito com a ponta de seus compassos para a terem encerrada numa rede de circulos, até ao dia 22 do terceiro mez e ei-l'a já entre nós, batendo as palmas de contente, e rindo-se, travessa, de tão loucas pretensões.

Como vem formosa a loira creança! Os cabellos, entrelaçados d'hyacinthos e junquillos rescendem aromas suavissimos; nos olhos de puro céu espelha-se a luz do sol, que tudo anima, que a tudo dá vigor e força; os labios entre abrem-se-lhe em divinaes sorrisos, e cada sorriso é um cantico d'amor; percebe-se no entumecimento das pomas alvejantes, no apressado movimento, que as agita a affluencia de uma nova seiva, que é uma esperança de vida. Por onde ella passa brotam as flores aos milhares; a natureza desperta do seu longo turpor, e as aves acodem aos bandos a entoar-lhe em festivas harmonias o hymno de sua rejuvenescencia.

O espirito segue tambem o movimento da materia: nesta quadra de transformações grandiosas, a alma expande-se em sentimentos nobres; revigoram-se as crenças: fortalecem-se as aspirações; ha mais fé e mais esperança; o futuro apparece illuminado de cores risonhas, como o horisonte quando o sol desce a esconder-se nas aguas do oceano; o passado triste e doloroso esvae-se da memoria como esse inverno que se some na vegetação dos prados, ou na corrente dos rios, com as massas de neve, que rolam desfeitas dos pincares das montanhas.

Se a variedade não fosse condição da harmonia universal, uma primavera constante seria o ádito do paraizo terrestre.

Desculpe o leitor estes devaneios; no meio d'este prosaismo chato, em que vivemos, eu não podia deixar de saudar a estrophe mais esplendida do poema da natureza. Bem vinda sejam, primavera!

—Passando á chronica dos theatros, tenho a noticiar-lhes nada menos que quatro espectaculos. E ainda dizem que Coimbra se não diverte!

Eu tinha promettido dar-lhes conta do primeiro baile de mascaras, que houvesse em *D. Luiz*; como até hoje se não realisou, obviarei a esta falta, em que involuntariamente me faz incorrer a digna commissão directora d'aquelle theatro, participando-lhes a recita, que n'elle teve logar, á porta fechada, em uma das semanas passadas. Subiram á scena a *Corda sensivel*, *Amigo Banana*, *Chavena de Chá* e *Os tres mentecaptos*: representaram de damas os srs. A. F. e A. P.; a theologia enfeitou-se d'esta vez com os loiros de Thalia: honra lhe seja. Nos *Tres mentecaptos* sobresahiu a figura magestosa do sr. A. D. Em geral o spectaculo correu o melhor possivel, conquistando todos merecidos applau-

sos. Não me sendo permittido tributar lhos em scena d'aqui lhe dirijo os meus louvores pela feliz idéa de matarem aborridos ocios em tão sancto entretenimento. Até mais ver.

Ha ainda a registrar em *D. Luiz* um concerto dado em beneficio do sr. Medeiros, violista distincto, que o publico conimbricense já por vezes tem tido occasião de apreciar devidamente. Houve regular concorrencia e os applausos do estylo.

No theatro academico temos as recitas do *Capitão Paulo*, drama em 5 actos, imitação do A. Dumas, e da *Cruz*, obra estupenda, cujo auctor não tenho a honra de conhecer.

O *capitão Paulo* repetio-se em beneficio do actor Amaral, moço talentoso, que tem sabido grangear as sympathias da academia. A casa esteve cheia, não pelo merecimento do drama, mas em attenção ao beneficiado. O desempenho foi excellento por parte da sr.^a Carlota Velloso, Soares Franco e Amaral; distinguiram-se tambem os srs. Chrispim e Cesar de Sá; — teriam feito esquecer a ruindade da peça se a sr.^a Maria da Luz se não encarregasse de a assassinar barbaramente. A plateia que tinha applaudido os primeiros actos rio-se no final: as pateadas não são permittidas no theatro academico.

A *Cruz* é um drama *impossivel* em que nada ha que deva aproveitar-se; maravilhou-nos ve-l'a em scena no theatro academico. É de esperar que não nos crucifiquem segunda vez repetindo tão detestavel embroglio. Por falta d'espaco não fallamos mais detidamente d'esta peça: reservamo-nosp ara outra occasião se o illustrado conselho não desviar do paciente publico tão amargoso calix.

—Segundo noticia uma folha de Lisboa, o sr. Anthero do Quental está fazendo parte da redacção politica de um dos mais acreditados jornaes de Paris. Cá em Portugal chamaram-lhe tolo e não sei quantas outras injurias grosseiras; na capital do mundo illustrado deram-lhe um logar nas filas dos primeiros combatentes. Nós é que temos juizo; adoramos as bolorentas cebollas do Egypto, que o sr. Castilho vae desenterrar das hortas d'Anacreonte para nos recompensar as furtigações de podre insenso, com que lhe perfumamos a vaidade, e enxotamos estes pensadores atrevidos, que seguem a esteira dos grandes genios em busca de novos horisontes. Diz bem o sr. Arnaldo Gama: *palha á besta*, e deixar correr o mundo.

28 de fevereiro EMYGDIO NAVARRO.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado

A ACADEMIA

SEMANARIO DE LITTERATURA

LIBERDADE E REACÇÃO

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO)

XXXIII

Mas perguntarão os insurgentes, os retrogradados, os absolutistas, os falsos catholicos, os que se não pejam de vender o povo pelos trinta dinheiros do erario... em uma palavra os ultramontanos:

« Quaes são os beneficios da *constituição liberal*, de que vos mostraes tão orgulhosos, que apregoaes tão alto e que tão entusiasticamente glorificaes?

« Em que differem as actuaes instituições d'aquellas que vigoraram em o outro tempo, que só vos inspiram horror e pelas quaes nós suspiramos?

Não é a elles a quem responderemos, mas ao povo a quem nos dirigimos.

Por effeito e beneficio da constituição liberal, que felizmente nos rege e entre nós vigora:

Á soberania do *direito divino*, á soberania patrimonio da realesa e da *Curia romana* succede—a soberania do povo e a representação nacional;

Á concentração e absolutismo da acção governativa nas mãos do rei—a separação e independencia dos poderes nas mãos do povo;

As castas, ás ordens, ás classes, á nobreza, ao clero e á *arraya miuda*; aos nobres e *plebeus*, aos cavalleiros e *piões*—a egualdade, a liberdade e a fraternidade para todos, uma só palavra e uma só idea, uma só entidade—o *cidadão*;

A inviolabilidade dos direitos civis e politicos, que têm por base a liberdade e a egualdade, a segurança da pessoa e do patrimonio de cada um;

Liberdade — no pensamento;

Liberdade — na manifestação do pensamento;

Liberdade — na manifestação da consciencia;

Liberdade — no domicilio;

Liberdade — plena na posse e fruição da propriedade;

Liberdade — no trabalho, cultura, commercio e industria;

Liberdade — de petição a todos grantida.

Egualdade — na admissão aos cargos publicos e recompensas aos que d'ellas se mostraram dignos, pelos seus talentos e virtudes;

Egualdade — perante a lei e perante os tribunaes;

Egualdade — no imposto;

Egualdade — nos beneficios da administração publica.

Aboliram-se:

Os privilegios;

As perseguições e os processos arbitrarios e clandestinos;

Os açoutes e as torturas;

A marca de ferro quente e todas as demais penas cruéis;

A confiscação dos bens, *glorioso fructo da inquisição e do despotismo clerical*;

A transmissão da infamia e da pena além do deliquente, *com que o tribunal do sancto officio havia dotado e humanizado a nossa legislação e a de outros paizes*;

A forma do processo é accommodada á nova organização judicial, para salvaguarda da sociedade e garantia segura dos direitos individuaes.

A instrucção publica generalisa-se.

Estabelece-se a responsabilidade social entre todos, governantes e governados; entre o povo e os seus representantes;

Collocam-se os direitos do cidadão e os actos do poder sob a vigilancia da incorruptivel sentinella da imprensa, submettem-se ao tribunal da livre discussão, expõem-se ao claro sol da publicidade.

A estes germens fecundos de civilização e progresso vem reunir-se:

A uniformidade e redução do imposto;

A regularidade das nossas finanças e o estabelecimento do nosso credito publico.

A legislação administrativa e economica é fundida em novos moldes.

As leis criminaes adoça-as a philosophia do direito penal e a caridade evangelica.

A industria recebe novos germens de vida, novos alentos, para se engrandecer e prosperar, quebrando pouco e pouco as prizões que a manietavam.

O credito predial firma-se em solidas bases.

O desenvolvimento da viação e outros trabalhos de utilidade publica, já não são para nós uma utopia.

A terra liberta-se dos vinculos da amortisação.

No mesmo bem merecido *patibulo* são immolados os frades, os mosteiros e os ricos despojos, subtrahidos ao suor e ás necessidades do povo, —

— com que alimentavam a sua criminosa ociosidade,

— com que sustentavam o seu funesto poderio,

— onde forjavam dia e noite conspirações e ataques á liberdade... servindo mais o despotismo dos reis e a ambição dos ricos e nobres potentados, do que venerando a Deus e pugnando pela victoria da santa doutrina evangelica, que mais attende os pobres e humildes do que os soberbos e poderosos da terra!

Finalmente poderemos exclamar em presença de tão profunda revolução como Montequieu diante das ruínas da velha sociedade.

Le chène antique fut abbatu et la face du pays renouvelée.

Hoje a liberdade, a egualdade, a segurança pessoal e real, a responsabilidade e a publicidade são as bases da moderna legislação, que a realza absoluta desconhecia, que a igreja fingia ignorar; porque, embora principios santos do Evangelho, a disciplina ecclesiastica nem sempre as respeitava e muitas vezes condemnou arbitrariamente.

Eis em relevo a sociedade monarchica, a sociedade theocratica anterior a 1820; eis a sociedade liberal e democratica, inaugurada entre nós em tão gloriosa data; decompostas nos seus elementos, confrontadas nas suas bases, medidas nas suas aspirações.

Eis a obra da constituição.

São estes os artigos da nossa fé politica.

Este o programma dos governos liberaes.

XXXIV

É verdade, e a verdade não deve dissimular-se, que a realza auxiliou o povo na obra da grande transformação social; é verdade que os nobres lhe foram hostis e com energico vigor a contrariaram e combateram; alguns porém se foram alistar nas bandeiras do liberalismo; julgaram servir assim melhor a sua propria causa, e assegurar a manutenção dos seus fôros e regalias, entregando-as nas mãos dos populares, para mais tarde as resgatarem, como a *retribuição* dos seus *bons serviços*. Para outros foi a propria convicção. Para outros o amor da patria, que desejavam ver engrandecida e elevada pelas novas idéas do seculo.

Se dos mosteiros, se d'entre a classe clerical, surgiram os maiores inimigos da liberdade; porque de longe previam e o exemplo da França lhes mostrava a incompatibilidade, o antagonismo que a reforma liberal havia de levantar:

entre a soberania popular e a theocracia fradesca;

entre o despotismo inquisitorial e o systema representativo;

entre a preponderancia monastica e a fraternidade civica;

entre a egualdade legal e os seus privilegios....

porque receavam o esmorecimento e a queda inevitavel e fatal d'esse *status instatu*, d'esse capitolio religioso, engrandecido no decurso de muitos seculos;—alguns, d'entre elles, como Sarpi entre os jesuitas venezianos, compenetrados do verdadeiro espirito evangelico, correram ás fileiras do liberismo, e abraçados á Cruz, com verdadeiro fervor christão, apontaram aos povos a liberdade na terra, com aquelle mesmo sacrosancto symbolo que é signal de bemaventurança no céu.

Servirão a Deos e ao povo, a causa da religião e da liberdade.

Honra e gloria para elles, que ja comprehendiam a liberdade como um nosso poeta popular a cantou depois:

« És idea que não morres
« Em quanto durar a cruz. »

A cruz! Não erguida por entre as rochas duras do Calvario, não hasteada nos pincares escavados do Golgotha, não envolvida nas negras nuvens do medonho horizonte na noite execranda do martyrio inaudito, não coroada pelos espinhos agudos d'uma dor cruciante; mas cingida de flores, elevando-se por entre auroras resplandecentes, majestosa e soberana nas mãos do Deos da paz e da piedade, do Deos da misericordia infinita, inundada pelo oceano de luz do sol da redempção, despedindo sobre a humanidade os raios vivificantes da egualdade, da liberdade e da fraternidade, para prender os homens a Deos como o centro unico de suas almas, e alumando-lhes na terra o caminho da sua peregrinação leva-los ao Céu, onde devem encontrar a promettida bemaventurança!.....

Arranquemos o espirito a estes arroubos da alma, que desprendendo as azas do infinito pretende voar para o céu, que aquelles que não comprehendem — nem Deos, nem o homem, nem o céu, nem o mundo, e por isso o christianismo e as admiraveis palavras do Divino Mestre, nos arremessarão ás faces a affronta, o epitheto de impios e atheos, que em boa fé e pura consciencia não merecemos.

Voltemos ás regiões do mundo historico, e continuemos e indagar por entre os factos a lei que os domina, nesta provincia do espaço, neste canto da terra, nos tempos que já lá vão e vão correndo para atar o passado no futuro, a instituição de hontem na que ha de surgir talvez amanhã.

(Continúa) E. GARCIA.

Mãe e Filho

Primicias do meu amor!

Meu filhinho! Do meu seio

Doce fructo, que á luz veio

Como á luz da aurora a flor!...

Filho, um beijo! No teu labio
De teu pae o labio beijo...
E em teus olhos, filho, vejo
Quanto Deos é justo e sabio!

Deu-me em lamina doirada
Ver meu rosto todo o dia,
E a minha alma não se havia
Nunca em vida ver pintada?!

Quando o pae me unia á face,
E a seu collo me abraçava,
Pomba ou anjo me faltava,
Que ambos junctos abraçasse.

Filho! és esse: Deos, que o centro
Vê da terra e vê do abysmo,
Que ouve e escuta quanto eu scismo,
Na minha alma um altar viu dentro,

Mas com lampada sem brilho!
Mas sem Deos a que era feito!
— A meu seio arranca um peito,
Sopra-o, ei-l-o... um anjo! filho!

Como a lagrima se espalma
No meu seio, ou se esvaece,
D'alma o resto quem podesse
Vasar todo na tua alma!

Mas em ti minha alma habita!
Mas teu riso a vida furta!
Mas que importa (morte curta!)
Se um teu beijo resuscita!

JOÃO DE DEOS.

ESBOÇO HISTORICO

Da instrucção popular entre os povos antigos

Num estado em que os cargos, empregos e dignidades publicas são propriedade dos ricos, ha de a educação popular ser mesquinha e mesmo desdenhada por aquelles a quem ella pode aproveitar. Falta o interesse que é o estímulo potente de uma acrisolada dedicação, quando ao cabo de aturados esforços se antolha um futuro prospero.

Em Esparta a educação publica era considerada como uma parte importante da politica, mas dirigia-se tão só a formar uma raça forte e robusta de cidadãos, que podessem manter com valor a independencia da patria.

Os filhos dos spartanos eram considerados como filhos do Estado, e conhecendo este que a sua educação é o dever mais sagrado da paternidade, não podia deixar de velar attentamente por ella. E assim o fez.

Não abraçamos taes ideas; o filho não pertence ao Estado, pertence á familia; o principio é illegitimo, sejam embora admissiveis e uteis as consequencias. O Estado não pode consentir que os cidadãos sejam votados durante a vida inteira ás trevas do espirito e da consciencia, e que o futuro do filhos seja

sacrificado aos caprichos e ignorancia dos paes; no entanto não usurpemos a estes os direitos que lhes competem. Aos paes é que incumbe dar instrucção aos filhos, e a missão do Estado fica reduzida a exigir-lhes o cumprimento do seu dever, o respeito aos direitos d'aquelles a quem deram a vida. Deve mesmo promover a instrucção popular, porque com isso satisfaz uma necessidade social e não exorbita da sua esphera da acção; mas não chame a si o que pertence legitimamente a outrem. A sociedade não pode extorquir direitos que a natureza conferiu.

Agora a indole da educação que em Sparta se dava á mocidade já a deixámos apontada. Lycurgo queria homens para a guerra, era preciso que ella os formasse assim. Começavam os cuidados da educação quando os filhos estavam ainda no ventre das mães, obrigando-as a usar de alimentos e a fazer exercicios que os tornassem saos e robustos.

Até aos sete annos eram educados no seio da familia, sob a vigilancia do Estado; e desde essa epocha até aos doze annos eram confiados a mestres publicos, incumbidos de os educar com rigor e severidade em tudo que os tornasse sabios, pacientes, sagazes e valorosos. Mas para conseguir o fim a que o grande legislador mirava, tambem prescreveu meios crueis e inhumanos, que a moral e a politica nunca hão de justificar.

Aos doze annos começava a sua educação militar que se prolongava até aos trinta: tinham já nesse tempo exercicios bellicos e pequenas escaramuças; e por vezes não deixaram de batalhar com tal obstinação que não perdessem a vida, nesses combates simulados de grandes exercitos, alguns dos heroes que mais tarde deveriam ir medir forças com os Persas no desfileiro das Termopylas e nos plainos de Marathona.

Todos os cuidados do Estado sobre a educação popular convergiam, portanto, para o endurecimento do corpo pelas fadigas, pelas privações e pelo trabalho.

Havia comtudo uma instituição em Sparta que podia concorrer bastante para o desenvolvimento intellectual da mocidade, se não fosse eivada do mesmo vicio que affectava quasi todas as instituições da antiguidade. Queremos fallar dos banquetes publicos, onde se discutiam assumptos importantes, e a que alguns historiadores attribuem uma influencia decisiva no character dos Spartanos, porque fazem derivar d'ahi a sua penetração de espirito, o seu laconismo nervoso e as suas formosas sentenças.

Subscrevemos a tudo isso, por que os manebos admittidos a esses pleitos da intelligencia eram interrogados sobre muitas questões de politica e moral, e sobre o juizo que formavam de certos actos submettido á sua apreciação, tendo de responder em poucas pala-

vras, judiciosamente e com promptidão. No entanto a maior parte d'elles não podia illustrar-se com essas vantajosas discussões, que lhes seriam mais uteis que muito tempo de escola; aquelles que mais precisavam da protecção publica, por que ao nascer se viram envolvidos nas faxas da pobreza, eram, por um monopolio odioso, excluidos dessas festas da intelligencia; e lá ficavam com o espirito em trevas, se um feliz acaso não lh'as vinha dissipar.

E depois, se em Sparta o povo era cioso da sua independencia e da sua liberdade, se todos os negocios que interessavam á republica eram dirigidos segundo as suas indicações, embora ostensivamente; tambem de lá partia esse despotismo de ferro que pesava sobre a raça infeliz dos ilotas, herdeiros da sorte dos parias da India para a transmittirem aos escravos de Roma e aos villões da medea-edade!

Eram uma classe de existencias desditosas, para quem havia só os mais duros supplicios: a unica protecção, que lhes desvelavam, consistia em os conservar cuidadosamente em uma abjecção degradante! E a crueldade para com elles chegava ao ponto de votarem impiedosamente á morte os que se distinguiam por sua belleza e coragem; como se ellas fossem apanagem só dos senhores de Sparta!

E como havia portanto de progredir largamente o espirito popular?

Os gregos curavam mais da educação physica do povo que de sua educação moral.

Não consentiam que o estrangeiro armado pisasse o solo sagrado da patria; e occupados por isso, quasi sempre, com as guerras externas e com as dissensões intestinas, que foram a causa da sua ruina, precisavam essencialmente de homens robustos e corajosos, que fossem ao campo da batalha ceifar as corôas de louro, florões da sua gloria, symbolos da sua liberdade. E Marte é inimigo de Minerva: as sciencias e as letras só podem prosperar no remanso da paz.

Era por isso que a educação do povo convergia toda para esse fim. E se havia um proverbio entre os paisanos da Moiea «quem não conhece as letras não é homem»; e se um camponez d'Eleusys dizia «que de boa mente gastaria tudo quanto possuísse com a educação dos filhos, porque a instrucção é a cousa de que o homem tem mais necessidade»; o proverbio de Moréa e o dicto do camponez de Eleusys eram apenas a expressão eloquente de uma nobre aspiração, que os poderes publicos pouco empenho se davam em fecundar e satisfazer.

A Grecia, portanto, a este respeito não nos legou nenhuma lição util, nem exemplo para se imitar.

Em Roma não encontramos medida alguma que obviasse ao mal que tanto se fez sentir entre os povos de que temos fallado.

A sua civilização foi modelada pela da Grecia; no entanto nem d'ella aproveitou as escassas e enfesadas instituições destinadas á educação da juventude.

Fadada pelo destino para ser a senhora do mundo, a rainha das gentes, devia seguir o caminho que a conduziu até lá.

É por isso que em Roma só a arte militar era considerada como nobre e verdadeiramente util, porque se dirigia ao engrandecimento da patria; e, sem dúvida, á sua esmerada cultura d'ella é que os Romanos devem a formação d'esse colosso immenso que lhes eternizou a sua gloria.

Só a educação militar devia, portanto, merecer a attenção especial e exclusiva dos poderes publicos. Destinada para a guerra e uma vez lançada na estrada dos triumphos e sempre devorada pela sede de novas victorias e pela ambição de mando e poderio, Roma, para proseguir na sua obra de conquista, precisava mais de formar soldados valorosos e legiões invenciveis, do que cidadãos que a engrandessem pelas conquistas da civilização.

E assim foi.

Os exercicios bellicos feitos no campo da Marte e fora da cidade, não davam logar a que os Romanos se applicassem ao culto das artes pacificas.

Não nos cansâmos todavia em mostrar o processo por que entre elles se fazia a educação militar; basta dizer que herdeiros da civilização da Grecia miravam com ella ao mesmo fim e quasi que empregavam os mesmos meios para o conseguir.

Até ao VI seculo viveram os Romanos na mais crassa ignorancia; mesmo depois alguns talentos brilhantes, que entre elles appareceram e cujas manifestações portentosas ainda hoje nos deslumbram, eram apenas como estrellas em noite de cerração!

Catão, o espirito da mais democratica tempera que houve em Roma, declamava contra os rethoricos e contra os philosophos, porque os suppunha prejudiciaes e até perigosos á republica.

As sciencias foram sempre desconsideradas. E tudo isto nos dá a conhecer que as letras nunca constituiram em Roma um gosto perfeitamente popular. Os nobres no seu orgulho e o povo nas suas miserias olhavam com desdem para tudo que não fosse a força. Este só pedia *panem et circenses*; e com tudo é certo que de nada carecia tanto como de instrucção.

Se Roma alliasse o poder material com a força da intelligencia, se fosse conservando os antigos costumes, rigidos e austeros como elles eram, e os fortalecesse pela luz da consciencia e pela moralidade, não a veriamos decahir tão depressa dos dias formosos da republica, em que alcançou os mais celebrados triumphos e a mais subida gloria, nas mãos

geladas do despotismo, que foi a consequencia inevitavel da sua corrupção.

Quando chegou ao apogeu da felicidade, quando se tinha já apossado do mundo então conhecido, achou-se só no meio dos tropheus de mil batalhas; e a republica não poudo subsistir. Aquelle povo colosso, que teve força para dominar todos os povos, deixou-se em fim vencer pela corrente impetuosa da immoralidade. Grandes e pequenos, nobres e plebeus, ricos e pobres, sabios e ignorantes todos se envolveram naquelle turbilhão do relaxamento dos costumes.

O espirito de nacionalidade, o sagrado amor da patria, que receberam da Grecia como um preciosissimo thesouro, e que por tantos annos alimentaram religiosamente, perdeu-se alfim.

O estado, a religião, a familia, a patria, eram palavras sem significação.

A corrupção chegou a apoderar-se da milicia; e desde este momento estava minado o unico sustentaculo d'aquelle colosso que resumia em si o exforço e a gloria, a escravidão e a ignominia de milhares de gerações.

Quando um povo chega a um tal estado de deprovação moral não ha nada que possa regenerar o.

Foi por isso que ao governo do povo succedeu o imperio; e com elle vio Roma levantar-se diante de si essa cohorte de despotas que a acompanharam á sepultura das nações.

A instrucção popular não podia então desenvolver-se, porque a influencia fatal do despotismo mata moralmente os povos, depois de os reduzir a uma servidão ignominiosa. E não é outra a razão, por que elle nos momentos de crise não encontra um homem de pensamento e vontade que o affaste das bordas do abysmo.

Roma nos ultimos annos do imperio, carcomida pela tyrannia, fatigada de vicios e cansada de viver, suicida-se sem coragem, sem que um braço robusto a sustenha na queda e restabeça a unidade do imperio.

E com essas agonias longas e com aquelle suicidio vergonhoso e cobarde, expiou o crime e o erro das gerações que lhe adquiriram os titulos de sua maior celebridade.

O desprezo a que votou a instrucção do povo foi a causa necessaria dos seus maiores soffrimentos.

E que ao menos sirva este exemplo tremendo de conselho aos governos e de lição aos povos!

(Conclusão) F. DE MEDEIROS.

CONSUMMATUM!...

Eis a trama a descoberto!
O miseravel, de certo,
Ha de de susto tremer:
Esmagado pela insidia
Ha de o genio da perfidia
Seu negro peito roer!

Fingi erguer-lhe um calvario;
E uma ponta do sudario
Em frente aos olhos lhe puz:
Calquei a occulta mazella
E o sangue da *philomela*
Escorreu aos pés da cruz.

Do grupo baixa cabeça
Vomita odio e professa
Tua hypocrita aversão.
Quando te der o castigo
Lá verás que todo o p'rigo
Corria por tua mão.

Quiz conhecer-te. Está dito:
O teu braço de precito
Já me não pode illudir.
Não navego *terra terra*;
Já é possivel a guerra,
Já nos podemos medir.

As baixezas, que fizeste,
Confidencias, que tiveste,
Ninguem do mundo as verá:
Podes bater-te seguro,
Que franco, leal e puro
Jamais teu peito será.

Quando da tarde a clemencia,
Quando do mar a indolencia
A todos diz — furacão —,
Colhe o marinheiro a vela,
E ao rebentar da procella,
Não lhe treme o coração.

O lago mais transparente,
A mais formosa corrente
Tem no fundo um lodaçal;
Resvala do céo a estrella
E a mais casta donzella
Por vezes é desleal.

Sei que a amizade é mentira,
E que o amor que nos inspira
Falsamente nos sorri:
Só uma fé ha na vida
Para mim nunca perdida
E da qual nunca descri.

Desde a verde mocidade
Eu adorei a verdade,
Porque nunca me trahiu:
Os meus descuidos perdôa,
Meus cuidados abençoá,
Minha alma nunca illudiu.

Quando lhe peço um conforto,
Para meu peito já morto,
Ella confortos lhe dá:
Pedi-lh'o hoje, e contente
Me prometeu de repente
Que jamais me olvidará.

Quando da tarde a clemencia,
Quando do mar a indolencia,
A todos diz — furacão —
Colhe o marinheiro a vela,
E ao reventar da procella
Não lhe treme o coração.

JULIO DE MACEDO.

Tavira, março de 1867.

A FEBRE DO JOGO

(Continuado do n.º xi).

Em trances como este não ha coração di-
mantino, que deixe de macerar-se nas prisões,
que o reprimem.

A mão tremia-me no cano da clavina. E
eu não desejava senão vel-a paralyzada como
meio de desmanchar o diabolico encanto, que,
a meu pesar, me perdia.

Esperai ainda.

Começava a descobrir-se por entre as ra-
chiticas arvores a sombra de um cavalleiro,
que veloz se aproximava do meu covil. Já vi-
nha perto, a tiro de espingarda.

Quanto dera eu para que a terra me tra-
gasse, fendendo-se em abysmos, ou para que
me arrancasse pelos cabellos mão caridosa a
este sangrento destino!

Estava feita a pontaria. A vida de um ho-
mem pendia d'uma inspiração momentanea.
Quiz ainda arrostar com a sorte. Mas é for-
çoso que nos conflictos entre o mal e o bem
preponderare o mal, porque fui vencido. Des-
fechei.

Reboou formidavel a detonação de um tiro
nas quebradas e nas gargantas da cordilheira,
acordando os echos distantes, e assanhando
nos casaes da encosta e nas aldeias do valle
o latir confuso dos rafeiros.

O baque de um corpo, e em seguida o ni-
trir assustado do cavallo, que sem dono se
precipitou no mais espesso das brenhas, per-
deram-se nos ares. Lancei-me então como um
chacal sobre o cadaver. Arranquei-lhe uma
bolsa, que pelo volume e peso devia de en-
cerrar grossas quantias, e fugi com ligeireza
de gamo perseguido, num estado de espanto
e de alegria, que com mais acerto chamara
desvairamento.

Apenas no meu quarto, fechei com precau-
ção a porta, aticei a lampada e, apertando
nos dedos regelados a bolsa roubada, contem-
plei-a enlevado e amoroso no antegosto d'uma
plena saciedade de dinheiro. Nada me con-
venceria de que não sobrava alli cabedal com
que comprar a mais retrahida virgindade. E
todavia faltava-me animo para desatar os en-
roscados cordões. Temia uma desillusão. Como
um facinora endurecido e incuravel não via

no objecto das minhas alegrias o terrivel do-
cumento da mais negra das perfidias. Mas a
Providencia não é um sonho de poetas. Aquelle
supposto talisman era já um principio de
castigo.

Despedacei a final os cordões, certo de que
da bolsa saltariam ondas do brilhante metal,
idolo em cujo holocausto de continuo se sacri-
ficam humanas victimas. Pintava-me o desejo
em seus exaggerados coloridos as profusas
grandezas d'um conto das mil e uma noites.

Sofrego mergulho a mão na bolsa como
um galan venturoso no perfumado seio da
amante. Mas, como se me picara um escorpião,
retiro-a apressado e convulso. Cobrio-se o ta-
pete de informes moedas de cobre, mescladas
com outras de prata, raras e de pouca valia.

A semelhança dos encantados thesoiros, que
medram nas lendas maravilhosas do povo,
os quaes, em quanto o diabo esfrega um
olho, se reduzem a carvão pela influencia de
invisiveis espiritos, transmutaram-se em co-
bre vil as minhas almeçadas riquezas!

Não soube aparar o golpe. Deu-me em
cheio no coração.

Um assassinio, uma infamia para obter
aquillo!

Cahi e rolei no pavimento como assom-
brado do raio. Rugi como fera apanhada no
laço. Não tive caridade comigo. Retirei da
cabeça as mãos cheias de cabellos arrancados
pela ensanguentada raiz. Macerei o corpo em
evoluções de energumeno, em esgares frenet-
icos com ranger de dentes e espumar de rai-
va. Quebrantado emfim lancei-me desatinado
sobre o leito, e desatei num doloroso e amar-
gurado choro.

Fez-se o milagre da rocha de Horeb. Era
um coração de rocha, que chorava.

Lembrei-me então de Lucio, d'esse amigo
generoso e dedicado, que nada poupava para
me curar d'uma tristeza, e experimentei o
pungir do remorso no seu corrosivo travor.

Ai, se eu pedesse restituir-lhe a vida, estre-
ital-o ao peito, e chorar com elle!... Matara-o.
Eu, assassino?! Como acreditar-o? Seria
sonho?... Esta cabeça, este peito, esta razão,
este sentir seriam os meus? Quem era eu?
Mariano? Eu era Mariano?! Quando me
conheceu alguém uma indole perversa, uma
educação irreligiosa, uma instrucção descu-
rada? Como se explica a perpetração d'esse
monstruoso attentado? Não, não fui, não po-
dia ser eu o assassino. Homem novo, de ca-
bellos loiros e virgineos labios, estimado dos
velhos, festejado entre os moços, e perigoso
ás mulheres, nobre com todos os nobres sen-
timentos dos vinte annos, e venturoso como
uma alma pura, que havia de commum entre
mim e um impio scelerado?

Que havia de commum?! O coral desbo-
tara em meus labios ao bafo carbonizador das
vulcanicas paixões de algumas horas; meus

cabellos loiros, como animados de vida propria, eriçavam-se em serpentes; a doçura de meus olhos submergia-se nas inchadas palpebras; e as louçainhas parisienses dos meus vestidos enxovalharam-se no lodo das encruzilhadas. Onde estava a gentil feição da minha mocidade? Eu! onde estava eu?!

Via-me como em visão de lanterna magica dividido em dous seres distinctos: aqui cercado da aureola lucida do justo, alem afundado na sordida escuridão do reprobado; crente e feliz aqui, blasphemo e maldicto acolá; contra este movia-me severo rancor, aquelle arrancava-me lagrimas de piedade. Mas estes dous seres, confundiam-se, combinavam-se e separavam-se para tornarem a confundir-se como numa dança louca de feiticeiras. Era uma visão afflictiva, que se repetia numa especie de tresloucamento morbido.

O estourar sobranceiro d'um medonho trovão acordou-me pavido do lethargo, que me ia possuindo. Concheguei a roupa a meu corpo ainda molhado da chuva e pensei conpungido na existencia d'um Deos, que era Pae e Misericordioso, e que me estava vendo das alturas sem misericordia ou sem omnipotencia.

Rebentaram-me as lagrimas. O céu porem foi compassivo. Se me não deu uma irmã sensível, ou uma formosa amante, que corresse a enxugar-m'as, dardejou uma faisca, que penetrando em fugaz lampejo pelos intersticios da janella azulou singularmente o recinto, traçando um sulco de fogo, que me crestou a fronte.

Crepitou a lampada derramando faúlas inflammadas. E o relógio, posto no friso do fogão, fez ouvir o surdo ruido precursor das horas. Ia bater meia noute. Mas á primeira martelada cahiu a pendula no chão com secco estalido. A hastea, que a suspendia, rebentara como bordão de lyra sob os dedos d'um Orpheu invisível.

(Continúa) **A. DO CARVALHAL.**

CORRESPONDENCIA DO CHRONISTA

Em substituição da magra revista, com que costume enfadar os leitores, vae uma carta do meu presado amigo Lopes Praça.

Mudados são os tempos: ás folganças do entrudo succederam as austeras penitencias da quaresma. A descripção de um baile parecerá talvez uma profanação da santidade da quadra: amortalhados em sacos de burel, cingidos d'esparto, polvilhados d'escuras cinzas, deviamos afugentar mundanos pensamentos, e recolher-nos ás mysticas contemplações da outra vida.

A outra vida! Mas se para nós, rapazes de vinte annos, o paraizo está no languido volver d'uns olhos formosos, no voluptuoso sorrir de uma bocca purpurina! Relembrar os anjos não é pensar no ceu? E demais a carta do meu amigo é a ultima nota d'uma toada festiva, o echo saudoso d'uma noite de harmonias: a saudade tambem é um cilicio pungente.

E. N.

Meu caro Emygdio

Escrevo-te no mesmo dia em que devo partir para Coimbra.

São quatro horas depois da meia noite. Como talvez não possa estar contigo nos dias proximos, cumpro, neste momento, um dever sagrado escrevendo-te as minhas impressões de ha dois dias.

Por mais esforços que fizesses não chegarias a idear a vida que só aqui se sabe viver. A doçura dos costumes e tracto social da Anadia e circumvizinhanças são um verdadeiro mytho para quem se vê cercado das mil formalidades e etiquetas d'uma sociedade que se diz culta, illustrada, distincta e não sei quantas coisas mais.

O Caramullo e o Bussaco erguem-se magestosamente, como que para resguardar estas campinas extensas, graciosas e formosissimas, onde, todos os annos, rejuvenescem a fertilidade, a paz, a ventura e a abundancia.

Tu, de certo, te recordas d'um pequeno monte que se eleva graciosamente sobre um tapete immenso de verdura, matizado de flores; — é o chamado Crasto d'Anadia, d'onde se descobre um horisonte, de que, talvez, se não encontrem copias neste abençoado solo de Portugal.

Recordas-te, infallivelmente, d'elle, como sobranceiro a esses logares, onde voa menos veloz a locomotiva em attenção ás galas e enfeites que a mão da natureza disparge prodigamente nestas deliciosissimas paragens.

Até os grandes, meu caro Emygdio, até os grandes participam, na lhanesa de seus habitos, da amenidade infinita destes sitios, e da ineffavel seducção d'este bello céu da Anadia.

Havias de commover-te se visses o nobre conde da Graciosa, como cedro copado e robusto, estendendo seus ramos, e entrelaçando-os com os das arvores mais humildes, pequenas e modestas; se presenciasses a doce gravidade e natural complacencia de sua instructiva conversação; e se, como eu, podesses admirar a suave benevolencia de seus bons modos, e a despretenciosa fluencia de suas palavras.

Pouco distante da estação encontramos seu filho, o senhor conde Fernando. Não tento descrever-te a galhardia do novo conde, nem o sympathico aspecto com que a todos sabe prender, e com o qual mercidamente atrahe

a estima e o respeito de todos. São os feracíssimos fructos d'uma natureza afortunada, enriquecida por uma educação a todos os respeitos cuidadosa e perseverante.

Tive a dicta de os encontrar a ambos no baile, a que assisti, esta noite, em casa do ex.^{mo} sr. Alexandre de Seabra. Começo por fazer menção d'este nome, por não fallar do agrado, cortesia, delicadeza, attenção e boas maneiras, que foram largamente liberalisadas a todos e a cada um dos convidados.

O baile durou desde as oito horas da tarde até ás tres depois da meia noite. Foi uma reunião surpreendente, como não esperava encontrar em Anadia, e como ainda não vi outra melhor. Pena foi, realmente, que a Senhora condessa da Graciosa e os Senhores visconde e viscondessa da Foz de Aruce se retirassem do baile logo depois das onze horas; porque não ha espectáculo mais grato para o coração do que é a convivencia com os grandes, quando elles o são e o sabem ser.

Não imagines, entretanto, que a animação das polkas, valsas, quadrilhas e schotichs se interrompesse, nem levemente. Sempre o mesmo delirio, o mesmo vigor, a mesma actividade e o mesmo enthusiasmo. Por este lado ninguem poderia calcular o movimento das horas. Lá andava o bom do Thomé e tantos outros Academicos, sustentando-se prodigiosamente naquellas polkas vertiginosas de que se não adivinha o fim.

Mas esta carta vai-se alongando em demasia, sem que eu te tenha apresentado as formosissimas damas que tão soberbamente decoravam o salão do baile. Não é que me esquecesse, mas de caso pensado reservei esta parte para o fim. Era pequena esta carta para te fazer a devida apresentação, e eu queria que tu e as nossas amaveis leitoras tivesseis uma noticia completa, embora succinta, de todas as minhas tam agradaveis emoções.

Concebe um ramilhete de lindas e variadas flores em todos os estados da sua florescencia, desde o tenro botãozinho até á rosa perfeitamente desabrochada e completamente encantadora; concebe-o, e formarás uma idéa aproximada de todas as bellezas que alli se reuniam.

Queres contemplar uma flor, que ainda não é rosa, mas cujas petalas engraçadas e bellas se desabrocham espontaneamente aos raios sacro-sanctos do sol magnetico da mocidade? — Lá perpassa ella, é a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Cancellia.

Já viste flores ingenuas e desaffectedas, simples e puras como o rocio da manhã, esquecendo o primor e a pompa de suas galas, o mimo e a louçania das suas cores? São as ex.^{mas} manas do nosso Mariz.

Amas de perferencia uns olhos negros, escondendo um abysmo de delicias, fulgurando como estrellas, fixos como o sol, mysteriosos

como as noites d'abril sem nuvens e sem luar, movendo-se com graça, sorrindo com accentuação, scismando sem malicia; amas, numa plavra, as inspirações da ternura e da melancolia sem descahir no abatimento da tristeza? — Já a vês, é a Ex.^{ma} Sr. D. Leocadia.

Amas os botões de rosa na sua descuidada meninice? as saudade? os suspiros? a galantaria? a timidez?.... Pois, se estiveras aqui, tudo poderias ver, tudo te poderia mostrar. O espaço e o tempo, de que posso dispor, é que m'o não permitem fazer por escripto. O espaço e o tempo!... que mal vos fizeram tantas e tam apreciaveis damas, a quem a natureza deu formosura e graças para deslumbrar os salões, e ás quaes vós, tyrannos implacaveis, não concedeis, sequer, uma ligeira menção?!... Ficai-vos embora em vossa detestavel dureza é incompressibilidade; outros me vingarão; em quanto eu sem tergiversar, continuo estas linhas breves e singelas.

A rainha do baile, Emygdio, era incontestavelmente a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia de Seabra. Aquelle vestido alvissimo de finissima gaze levemente decotado, aquelle azul vivissimo da banda de tulle, que tão suavemente realçava sobre a candidez do vestido, aquellas estrellas de prata que lhe enfeitavam o cabello abundantissimo, por tal forma se casavam com a serenidade e candura de seu angelico semblante, que facilmente crerias, que a *toilette* lhe fôra inspirada pela mesma força providencial, que lhe faz scintillar nos brandos olhares todas as virtudes do coração e todas as meiguices da innocencia e da formosura. A matar lhe ficavam ainda aquellas flores artificiaes que lhe pendiam das orelhas; assim não fossem ellas malnequeres, ostentando-se vaidosos onde era tudo benevolencia, gratidão, amizade e amor. A palheta de Miguel Angelo nem sequer a poderia conceber, mas um anjo de vestes alvissimas, illuminado pelos olhares purissimos de Jesus poderia inspirar a Raphael tam harmoniosa concepção, tam suave e candida maravilha.

Vai-se tornando longa em demasia esta minha carta. Não abusarei. Estavam no baile para cima de quarenta senhoras e um numero ainda superior de cavalheiros. Está dada a razão por que não posso fallar de todas. Mas não terminarei sem renovar meus protestos de gratidão ao nosso Mariz, e aos ex.^{mas} srs. Francisco e Agostinho Cancellia e ao ex.^{mo} sr. Alexandre de Seabra.

Todo teu

J. J. LOPES PRAÇA.

Arcos d'Anadia, 6
de Março de 67.

Responsavel — Bacharel F. da Silva Machado



